

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO SÓCIO ECONÔMICO
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS

FERNANDO HENRIQUE SCHNEIDER

**PUSSY RIOT E TEORIA QUEER: UM ESTUDO DE CASO NO PALCO DA
ORTODOXIA RUSSA**

FLORIANÓPOLIS, 2017

FERNANDO HENRIQUE SCHNEIDER

**PUSSY RIOT E TEORIA QUEER: UM ESTUDO DE CASO NO PALCO DA
ORTODOXIA RUSSA**

Monografia submetida ao Departamento de Ciências Econômicas e Relações Internacionais para obtenção de carga horária na disciplina CNM 7280 – Monografia, como requisito obrigatório para a aquisição do grau de Bacharelado em Relações Internacionais.

Orientador: Lucas Pereira Rezende

FLORIANÓPOLIS, 2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS

A Banca Examinadora resolveu atribuir a nota 8,0 ao aluno Fernando Henrique Schneider na disciplina CNM 7280 – Monografia, pela apresentação do trabalho intitulado “Pussy Riot e Teoria Queer: Um Estudo de Caso no Palco da Ortodoxia Russa”.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Lucas Pereira Rezende

Prof^ª Dr^ª Marília Bortoluzzi Severo

Prof. Me. Jonathan Raphael
Vieira Da Rosa

AGRADECIMENTOS

Esse trabalho representa o fim de um árduo capítulo da minha vida. A jornada pela Universidade Federal de Santa Catarina me proporcionou inúmeras vivências e oportunidades de crescimento, e, claro, inundou minha vida com pessoas maravilhosas que apareceram ao longo do caminho. Muito obrigado.

Gostaria de agradecer à comunidade de Relações Internacionais, em especial aos professores com quem sempre mantive uma relação de admiração e respeito. Professoras Patrícia, Graciela, Karine e Clarissa, muito obrigado por toda a ajuda, ensinamentos e carinho que vocês me transmitiram. Eles foram muito importantes para que eu chegasse até aqui hoje. Professores Jaime, Daniel e, meu orientador, Lucas, muito obrigado também pelo trabalho e dedicação de vocês com o nosso curso. Ele não seria o mesmo sem vocês.

Tenho muito a agradecer também à família que eu pude escolher: meus amigos. Alex, Diogo e Maick, muito obrigado pela disposição e paciência comigo nos últimos anos. Vocês são incríveis e sem o apoio que me deram, eu estaria estagnado até agora. Diogo, obrigado por toda a orientação para a vida que você continuamente me dá. Você sabe o quanto aprendi com você, o quanto te admiro e sou grato por isso. Se hoje escrevo sobre Teoria Queer, saiba que há uma forte influência sua nisso.

Aos meus colegas de faculdade, meu muito obrigado também, em especial para a turma de 2011.1 que sempre teve um lugar especial no meu coração.

Ao Conselho: Bárbara, Carol, Laís e Anthônio, vocês foram essenciais para toda a minha vivência durante a faculdade. Muito obrigado por tudo que me proporcionaram e por todos os momentos que compartilhamos durante a faculdade. Vocês sabem o quanto amo vocês e serei eternamente grato por tudo o que fizeram por mim. São memórias que carregarei para sempre comigo.

Gostaria de agradecer ao Anthônio por todo o tempo junto que tivemos, à toda ajuda e paciência que você teve comigo. Obrigado por me erguer incontáveis vezes e me ajudar a caminhar durante a depressão. Eu não teria conseguido sem você.

Marina, obrigado por tudo também. Obrigado por estar sempre por perto e mostrar através de pequenos gestos o teu carinho por mim. Tu és uma amiga incrível.

Aos outros colegas de colegas de curso: Rovaris, Tati, Gui, Bruna e Luiz, muito obrigado por tudo.

Falerga: Con, Diego, Fragata, Leo, Luli Victico e Wag, obrigado pela parceria de sempre. Con, Victico e Wag, obrigado por toda a ajuda e suporte que vocês sempre me deram nos meus momentos mais frágeis. Sou muito grato pela amizade que tenho em vocês. Obrigado por me ajudarem a levantar diversas vezes, mesmo que fossem apenas voltas de carro por aí e me fazendo rir. Vocês são maravilhosos.

Mariana, Áustria e Gubi, muito obrigado pelo jeitinho de vocês de levantar meu astral e me lembrar que a vida é muito mais do que se atolar de preocupações. Má, tu sabes toda a admiração e carinho que tenho por ti. Obrigado por tudo que tu já me proporcionaste e pela tua amizade incrível.

Aos meus amigos mais antigos do Barddal, obrigado por me aturarem por tantos anos e não desistirem de mim. Duda, Elisa, Fá, Lelê e Nina, vocês são minhas lindas e viram eu passar por infinitas coisas. Obrigado por me ajudarem a me tornar quem eu sou hoje e por nunca me largarem, mesmo quando estive mais distante. Obrigado por sempre estarem ali para mim quando eu precisei e por me proporcionarem tantos momentos felizes.

Ao meu parceiro, Caio, obrigado por ter entrado na minha vida e trazido tanta felicidade, amor e movimento. Obrigado por fazer eu me mexer e me ajudar a superar minhas dificuldades. Sou eternamente grato por isso. Obrigado por não me deixar desistir e me lembrar do que eu sou capaz. Você trouxe um ar novo para o fim dessa etapa e ela foi muito mais gostosa ao teu lado.

Por fim, gostaria de agradecer à minha família, minha base e que, por mais difícil que tenha sido essa fase para todos nós, não desistiu de mim e me mostrou a incondicionalidade do amor. Um muito obrigado especial aos meus pais, Ivanor e Vilma, que não me deixaram desistir, e à minha irmã, Thiella. Sem vocês essa fase não teria fim. Obrigado por me ajudar a superar a depressão. Vocês foram essenciais nessa luta. Obrigado também aos meus primos mais próximos, Rafael e Manuela. Sem o apoio de vocês eu também não teria conseguido.

A todos citados aqui, saibam que guardo muito amor e carinho por vocês. Vocês me motivam a existir e me dão aquilo que mais me move: amor. Amo vocês. Muito obrigado por tudo.

“You are not your religion. You are not your skin color. You are not your gender, your politics, your career, or your marital status. You are none of the superficial things that this world deems important.”

RuPaul Andre Charles

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo identificar a relação explicativa entre Teoria Queer e o caso de julgamento e prisão do grupo Pussy Riot, na Rússia, em 2012. Mais especificamente, o estudo busca expor a Teoria Queer e seu contraste com a sociedade russa, irrigada de valores tradicionais e com forte influência da Igreja Ortodoxa Russa, além de ter como chefe de Estado o presidente Vladimir Putin, conhecido por suas políticas opressoras às mulheres e pessoas LGBT. Dentro desse contexto, o grupo Pussy Riot surge como uma resistência à identidade tradicional russa, buscando desconstruir as normas que inferiorizam aquilo que não é masculino e trazer mais representatividade à população feminina e LGBT. Para tanto, é feita uma análise da Teoria Queer, primeiramente seu surgimento e fortalecimento, depois sua aplicação em Relações Internacionais. Isso é feito com base nos trabalhos de autores como Jill Steans, Brent Pickett, Judith Butler e Eve Kosofsky Sedgwick. Num segundo momento, uma breve história e contextualização do patriarcado na sociedade russa é apresentada, fortalecida pela liderança do presidente Vladimir Putin, um breve histórico de sua influência e imagem, bem como sua relação próxima com a Igreja Ortodoxa Russa e sua antagonização à movimentos feministas e LGBT, no intuito de montar a figura a qual irá opor e confrontar o grupo Pussy Riot. O foco da análise será, então, em levantar as principais características presentes na sociedade russa que vão ao encontro dos valores binários descritos pela Teoria Queer, e os pontos reivindicados pelo grupo Pussy Riot e como eles se comparam. Como conclusão, é possível perceber como as premissas da Teoria Queer estão presentes no contraste da disputa entre Pussy Riot e sociedade e governo russo, representando um embate entre desconstrução de dicotomias de gênero e uma sociedade patriarcal, fortemente marcada por machismo e homofobia.

Palavras-chave: Teoria Queer, Rússia, Pussy Riot, LGBT, Feminismo

ABSTRACT

The present work aims at identifying the explanatory relationship between Queer Theory and the case, trial and arrest of Pussy Riot, in Russia, 2012. More specifically, this study seeks to exhibit Queer Theory and its contrast with Russian society, irrigated with traditional values and a strong influence from the Russian Orthodox Church, and yet having as head of State the president Vladimir Putin, known for his oppressive policies towards women and LGBT people. Within this context, Pussy Riot rises as resistance against traditional Russian identity, seeking to deconstruct the norms that lessen that which is not masculine and bring more representativity to female and LGBT population. To achieve this, an analysis of Queer Theory is made, at first covering its emergence and establishment, then its application in International Relations. This is made with the help of authors such as Jill Steans, Brent Pickett, Judith Butler and Eve Kosofsky Sedgwick. At a second moment, a brief history and contextualization of the patriarchy in Russian society is presented, strengthened by the leadership of Vladimir Putin and a brief coverage of his history, influence and image, as well as his close relationship with the Russian Orthodox Church and his antagonism to feminist and LGBT movements, seeking to build the figure which will oppose and confront Pussy Riot. The focus of this analysis will be to identify the main characteristics in Russian society which meet the binary values described in Queer Theory, and the claims made by Pussy Riot and how these compare. In conclusion, it's possible to perceive how the premises from Queer Theory are present in the contrast of the dispute between Pussy Riot and Russian society and government, representing a clash between deconstruction of dichotomies of gender and a patriarchal society, strongly defined by male dominance and homophobia.

Keywords: Queer Theory, Russia, Pussy Riot, LGBT, Feminism

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Tabela Ilustrativa mostrando desigualdades de gênero em países	31
Figura 2 - Status dos direitos LGBT na Rússia e Opinião pública sobre aceitação da homossexualidade	43
Figura 3 – Pussy Riot em sua apresentação na Catedral de Cristal Salvador	47
Figura 4 – As três membras do Pussy Riot Julgadas	48
Figura 5 - Crescimento do Interesse sobre temas LGBT na Rússia	51
Figura 6 – Apresentação do Pussy Riot na Praça Vermelha	50

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
2	RELAÇÕES INTERNACIONAIS E TEORIA QUEER	17
2.1	TEORIA QUEER	17
2.2	UMA ANÁLISE DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS COM BASE EM IDENTIDADES E BINARIZAÇÃO	25
2.2	GÊNERO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS	28
3	RÚSSIA, IGREJA ORTODOXA E HERANÇA CULTURAL	33
4	PUSSY RIOT, RESISTÊNCIA E TEORIA QUEER	47
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	

1 INTRODUÇÃO

Pussy Riot, um grupo de protesto artístico punk rock, feminista e russo, composto somente por mulheres declaradamente opostas ao governo atual na Rússia encontrou, nas apresentações musicais livres e espontâneas em espaços públicos de Moscou, uma forma de protestar contra o (que acreditam ser) governo autoritário de Vladimir Putin, principalmente sobre temas como feminismo, direitos LGBTQ (Lesbian Gay Bisexual Transgender Queer) e a próxima relação do Estado com a Igreja Ortodoxa Russa. No entanto, no dia 21 de fevereiro de 2012, após uma apresentação na Catedral de Cristo Salvador, deu-se início a um julgamento contra três de suas membras, sob a acusação de “vandalismo motivado por ódio religioso”. O caso levaria à prisão de duas membros por vinte e um meses, e teve grande repercussão na mídia ocidental (incluindo um pronunciamento de Barack Obama a respeito), que condenava a decisão da justiça russa. Além disso, organizações de direitos humanos foram à defesa do grupo, sendo uma delas a Anistia Internacional, que designou as condenadas como “prisioneiras de consciência” (termo utilizado para referir-se a indivíduos presos por sua raça, orientação sexual, religião, ou visão política), como apontado por Carrie Smith-Prei.

A situação para a comunidade LGBTQ russa vem piorando nos últimos anos. Desde 2013, por exemplo, com a criação de uma lei federal que proíbe a distribuição de material LGBTQ para menores (*Russian Gay Propaganda Law*, como ficou conhecida nos Estados Unidos e Europa), houve uma onda de propaganda homofóbica, violência e crimes de ódio, todos justificados pela defesa desta lei. Não obstante, como aponta Janet Elise Johnson, da Universidade de Nova Iorque, há uma forte influência religiosa direta na política e governo russos, agravando a situação e dificultando perspectivas de melhora. Além disso, os últimos plebiscitos realizados indicam que a grande maioria da população é contrária a inclusão e aceitação de homossexuais na sociedade. É um palco de muita luta para minorias, a qual o grupo Pussy Riot buscou protagonizar.

Jill Steans (2013) mostra como há um crescimento na relevância da discussão LGBT mundialmente, reconhecida por muitos países que buscam avançar na conquista de direitos básicos para essa comunidade, ao mesmo passo em que alguns países regridem nesse contexto justamente por não se identificarem culturalmente com esses valores. Os impactos dessas decisões afetam diversas esferas de nível internacional (política externa,

saúde, mercados de trabalho, por exemplo), inclusive nas tomadas de decisões por líderes mundiais.

Justamente pelo cunho pessoal e privado da sexualidade dos indivíduos, demorou para que esse tema ganhasse relevância e reconhecimento para tornar-se objeto de discussão e estudo no meio acadêmico. Estudos LGBT e a Teoria Queer foram mais fortes em seu surgimento através de discussões na literatura, filosofia e sociologia, tendo sido inicialmente negligenciados pela ciência política. Apenas no início dos anos 1990 a Teoria Queer emergiria com cunho pós-constitutivista da teoria crítica, vinda do âmago da discussão feminista e estendendo a problematização do papel das mulheres na sociedade para demais minorias, mostra Brent Pickett. Em Relações Internacionais, como mostra Jill Steans, escolas teóricas de abordagem críticas (como feminismo, pós-colonialismo, ou a teoria crítica em si), expressaram desde cedo um pensamento simpático ao queer, permitindo o crescimento do assunto no meio. Premissas pós-coloniais sobre marginalização estrutural e teorias críticas contestando a normatividade de ideologias políticas são conceitos fundamentais da teoria Queer, seja dentro ou fora das Relações Internacionais. A teoria Queer enfatiza a fluidez da sexualidade, e questiona normas estabelecidas, status, categorias, focando especialmente em desafiar ordens binárias, sejam elas sexuais (hétero/homo), de gênero (masculino/feminino), de classe (rico/pobre), e racial (branco/não-branco). Além disso, também questiona outras binaridades internacionais, como liberal-democrata/nacionalismo-autoritário.

Partindo de toda essa problematização e crescente relevância do tema e seu impacto em diversos atores internacionais, este estudo busca responder a seguinte pergunta: Qual a relação explicativa entre Teoria Queer e o caso do julgamento do grupo Pussy Riot, em 2012?

Como objetivos, essa pesquisa buscará: Identificar o *status* das condições de vida para a comunidade LGBT na Rússia; verificar o nível de aplicabilidade da Teoria Queer para o caso de prisão de membros do grupo Pussy Riot na Rússia; enriquecer a discussão e visibilidade da comunidade LGBT e da Teoria Queer no meio acadêmico.

Para operacionalizar a pesquisa, será feita uma busca a respeito da Teoria Queer e sua aplicação em Relações Internacionais, em seguida serão pesquisadas quais foram as principais organizações, os atores e forças que atuaram para e durante a prisão do grupo Pussy Riot. Feito isso, será feita uma leitura de artigos e relatos sobre o status da comunidade LGBQ na Rússia para contextualização do caso e melhor compreensão

do funcionamento. Por último, será avaliada a aplicabilidade da Teoria Queer no caso escolhido através de uma comparação entre os fatos reunidos e as premissas da teoria.

2 RELAÇÕES INTERNACIONAIS E TEORIA QUEER

2.1 TEORIA QUEER

Segundo Pickett (2015), após os protestos de Stonewall¹, as discussões acerca dos direitos e participação LGBT na sociedade (principalmente estadunidense) ganharam força (momento referido como “*Gay Liberation*”). O tema também passou a ser mais debatido na filosofia e teoria literária. Muito estava ligado, no início, às análises sobre o patriarcado feitas pelos nomes feministas fortes na época, como por exemplo Adrienne Rich, e assim surgiram as primeiras perspectivas teóricas sobre o assunto. É complexo traçar o exato nascimento da Teoria Queer. Um conjunto de autores, obras, pensamentos e movimentos compõe sua origem. Porém, no final dos anos 1980 e início de 1990, a teoria estava em pauta, com autores como Judith Butler (1990) (principalmente em seu livro *Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity*, de 1990), Eve Kosofsky Sedgwick (1991), e outros, trazendo à luz da discussão teórica as temáticas de gênero, questionando as normas e padrões da época.

A Teoria Queer tem sido especialmente influente em estudos literários e na Teoria Feminista, apesar de a linha entre essa e aquela ser tênue. Além desses, outros autores voltados às análises raciais e pós-coloniais, etnografia, dentre outros campos, utilizaram-se das ferramentas conceituais providenciadas pela Teoria Queer (PICKETT, 2015). William Eskridge (1999) também recorreu à Teoria Queer para progredir em seu questionamento sobre as maneiras como a lei estadunidense privilegia a heterossexualidade.

Há algumas diferenças entre a Teoria Queer e outros debates sobre a liberação gay, a principal sendo a adoção do termo *queer*, ao invés de gay ou lésbica. O termo busca englobar a maior quantidade possível de identidades, sem focar apenas na escolha de parceiro(a) sexual, e dando margem para identidades de raça e etnia também (PICKETT, 2015). Annamarie Jagose (1996) traz um bom exemplo disso

O que é de suma importância, por exemplo, para uma lésbica negra, é seu lesbianismo, ao invés de sua raça. Muitos gays e lésbicas de cor atacaram essa

¹ O evento é tido como um propulsor do movimento LGBT na busca por direitos civis nos Estados Unidos. Em 1969, em um bar gay popular na época, em Nova Iorque, chamado Stonewall Inn, num tempo em que a cidade vivia sob leis que proibiam a homossexualidade em público, um grupo de clientes, cansados dos constantes e comuns assédios policiais a esses grupos, revoltaram-se e deram início a um motim, onde mais e mais homens e mulheres gays juntavam-se e arremessavam objetos nos policiais, enquanto berravam “*gay power*” (força gay)

abordagem, acusando-a de reinscrever uma identidade branca essencial no coração da identidade gay ou lésbica (JAGOSE, 1996, n.p., tradução nossa)²

Jagose (1996) se refere a como uma lésbica negra precisa ser chamada assim, já que o termo “lésbica” não é suficiente para carregar todas as identidades presentes em alguns indivíduos. Ao falar apenas “lésbica”, supõe-se (erroneamente) a identidade branca antes da negra, precisando então utilizar outros termos para descrevê-la.

Queer busca cobrir todas as diferentes formas como um indivíduo pode se expressar, não englobando todos apenas em “gays” ou “lésbicas” e reconhecendo que dentro desses grupos há diversos subgrupos, bem como incluir outros grupos que não se encaixam apenas na identificação de sua orientação sexual. Queer é a tentativa de tentar superar as barreiras impostas por outros termos que buscam definir as identidades de um indivíduo. Não se refere à uma essência, de maneira sexual ou não. Ao invés, é puramente relacional, um termo indefinido que recebe sua interpretação por ser fora da norma, independentemente de como a norma possa ser definida (PICKETT, 2015).

Queer é... O que quer que esteja em desacordo com o normal, o legítimo, o dominante. Não há nada em particular ao que ele necessariamente se refira. É uma identidade sem uma essência (HALPERIN, 1995, p.62, tradução nossa)³

Queer não marginaliza aqueles que estão fora da norma gay ou lésbica, justamente por não possuir essência. Conceitos de sexualidade são poupados, dando mais espaço para indivíduos realizarem sua própria identificação com base naquilo que querem enaltecer, como pessoas transgênero (não necessariamente homossexuais).

Como há uma tendência no senso comum de dar uma essência à identidade, e tirar seu aspecto histórico, a Teoria Queer baseia-se justamente nas ideias do pós-estruturalismo, que procura construir a noção de que identidade é algo mutável ao longo do tempo, e, portanto, não possui essência.

Para sustentar o argumento de que sexualidade é socialmente construída, ao invés de dada por natureza, Michel Foucault desenvolveu uma série de trabalhos analisando o histórico da sexualidade, desde a Grécia Antiga até a Era Moderna. Foucault nunca terminou a obra, devido à sua morte em 1984. Porém, conseguiu demonstrar o

² What is of utmost importance, for example, for a black lesbian is her lesbianism, rather than her race. Many gays and lesbians of color attacked this approach, accusing it of re-inscribing an essentially white identity into the heart of gay or lesbian identity (JAGOSE, 1996, n.p.).

³ Queer is... whatever is at odds with the normal, the legitimate, the dominant. There is nothing in particular to which it necessarily refers. It is an identity without an essence (HALPERIN, 1995, p.62).

quanto a percepção da sexualidade pode variar através do tempo e espaço, fortalecendo muito a reflexão acerca de lésbicas e gays e, principalmente, a Teoria Queer (SPARGO, 1999).

Jill Steans (2013) vai ao encontro do argumento da sexualidade como uma construção social, e traz uma interessante abordagem para elucidar o significado de gênero. Steans propõe seu entendimento através da noção de que nós exercemos (*perform*) o nosso gênero, como papéis de uma peça a serem atuados

Por exemplo, nós podemos exercer gênero de tal forma a se conformar com – e por conseguinte reproduzir – o ‘ideal’ heteronormativo. Mulheres podem colocar maquiagem, usar vestidos femininos, portar-se de forma recatada e deferente, enquanto homens podem sentir uma forte pressão de exercer sua masculinidade como forte, sem emoções (racional) e carregando a marca de autoridade (pense no arquétipo – um tipo – vestimentas e comportamento de homem de negócios). O importante a se notar aqui é que, como gênero não é fixo ou estável, gênero pode ser – e com frequência é – exercido de tal maneira que confunde, subverte ou imita burlescamente normas convencionais de gênero (STEANS, 2013, p.32, tradução nossa).⁴

Em seu livro, *One Hundred Years of Homosexuality*, David Halperin descreve como na Grécia Antiga o gênero de um parceiro sexual não era significativo, mas sim se seu papel seria ativo ou passivo na relação. Na Idade Média, referia-se como “sodomita” aquele que possuía práticas sexuais anormais (não-procriativas). O gênero era mais importante, porém o real dilema estava na dicotomia entre o que era e não era pecado, devido à forte influência da Igreja Católica na época. Durante a Era Moderna, houve a ascensão da noção de homossexualidade e seu uso indevido para referir-se às pessoas que não pertencem a esse grupo de fato (como homens heterossexuais afeminados). Tudo isso vai ao encontro do argumento de que a sexualidade é algo socialmente construído e relativo ao seu tempo e espaço.

A respeito da sexualidade como construção social, Pickett coloca

Como pessoas também são construções de sua cultura (nessa visão), nós somos feitos nessas categorias. Assim, pessoas hoje em dia se entenderão como hétero ou gay (ou, talvez, bissexual), e é muito difícil de fugir dessas categorias,

⁴ For example, we might perform gender in such a way as to conform to – and thereby reproduce – the heteronormative ‘ideal’. Women might put on make-up, wear feminine dresses, behave in a demure and deferential manner, while men might feel a very strong pressure to perform their masculinity as strong, unemotional (rational) and carrying the mark of authority (think of the archetypal – ‘A type’ – businessman’s dress and deportment). The important thing to notice here is that, since gender is not fixed or stable, gender might be – and often is – performed in a way that confounds, subverts or parodies conventional gender norms. (STEANS, 2013, p.32).

mesmo quando consegue-se enxergá-las pelas construções históricas que são (PICKETT, 2015, n.p. tradução nossa)⁵

Assim, no espectro de sexualidade percebido hoje, as pessoas podem se reconhecer como atraídas pelo sexo oposto (heterossexuais), pelo mesmo sexo (homossexuais), ou por ambos (bissexuais). No entanto, essa condição está, segundo a noção de construções sociais, sujeita a mudanças.

Butler (1993) torna esse um argumento central da Teoria Queer, ao examinar o quão fundamentais são as noções de gênero e sexo (que, para pessoas no moderno mundo Ocidental, parecem tão naturais e evidentes), quando, na verdade, são construídas e reforçadas por ações do cotidiano heteronormativo⁶. Já Sedgwick (1990) traz o debate sobre dicotomias na linguagem, como a utilização de termos para dividir o mundo sexual em duas espécies (o natural e o artificial; o masculino e o feminino). Essa contestação de dicotomias e binarização também é central à Teoria Queer.

Julian Carter (2005) enfatiza como a Teoria Queer pode dar abertura para a análise da fluidez de categorias e outras formas de afetos e relacionamentos que ainda não foram previstos

[...]ela pode muito bem envolver uma certa impaciência com as narrativas de marginalidade e liberação que deram forma à identidade e consciência gay e lésbica por muitos anos (CARTER, 2005, p.116, tradução nossa)⁷

Pickett (2015) também demonstra como a Teoria Queer pode utilizar-se dos próprios argumentos homofóbicos (ou anti-homossexuais) para demonstrar a construção social por trás deles. Ao analisar um artigo contra o casamento gay de James Q. Wilson (1996), no qual o mesmo argumenta que “homens gays têm uma ‘grande tendência’ de serem promíscuos”, Pickett aponta como, para Wilson, a heterossexualidade, condição

⁵ Since persons are also constructs of their culture (in this view), we are made into those categories. Hence today persons of course understand themselves as straight or gay (or perhaps bisexual), and it is very difficult to step outside of these categories, even once one comes to see them as the historical constructs they are. (PICKETT, 2015, n.p.)

⁶ O termo ‘heteronormatividade’ tornou-se cada vez mais proeminente em discussões acadêmicas sobre gênero e sexualidade desde o início dos anos 1990. O termo significa que heterossexualidade (ao invés de bissexualidade ou homossexualidade) é a normal social estabelecida. A implicação mais profunda de heteronormatividade é que identidades e estilos de vida que não se enquadram na norma (gay, bissexual, lésbica, transgênero) são tidas como anormais pela sociedade convencional. Portanto, heteronormatividade pode ser – e com frequência é – usada para justificar discriminação à práticas e estilos de vida alternativos (STEANS, 2013, p.28, tradução nossa)

⁷ [...]it may very well involve a certain impatience with the narratives of marginality and liberation that shaped lesbian and gay identity and consciousness for many years. (CARTER, 2005, p.116).

supostamente natural e comportada, pode ser ameaçada pela presença de casais ou professores gays, e até mesmo o excesso de conversa a respeito de homossexualidade. Ele conclui, com isso, que na condição de natural, a heterossexualidade ganha um palco não contestado de fala. O contraste disso seria a homossexualidade, posta como anômala, tendo necessidade de ser estudada e não recebendo a mesma propriedade de fala. Assim, Wilson (homem, cisgênero, heterossexual) detém o direito de falar como voz especialista e imparcial sobre o assunto. (PICKETT, 2015)

Há também diversas críticas à Teoria Queer. Halperin (1995) elucida como a própria abrangência do termo “queer” permite que heterossexuais se identifiquem como queer, tirando a peculiaridade e protagonismo de homossexuais e demais identidades. Outra crítica recebida é: onde é traçada a linha do que é permitido? Por ser uma teoria que refuta o essencialismo⁸ construído nas identidades e os ideais de padrão de normalidade, ela não pode fazer distinções cruciais. Assim como há a vantagem de inclusão proporcionada pelo termo queer, essa mesma abertura dá espaço para questionamentos como “sexo transgeracional (pedofilia) é consentido?”, “há limites para formas aceitáveis de fetiches?”. Mesmo que alguns pesquisadores da Teoria Queer condenem, por exemplo, a pedofilia, ainda não se sabe se a teoria possui os recursos para definir essas distinções (PICKETT, 2015).

Por fim, Pickett (2015) conclui que os debates ao redor da homossexualidade envolvem problemáticas de cunho moral e jurídico e que, portanto, são de complexa resolução e aceitação na sociedade. Além de permearem costumes e tradições antigos, em sua maioria heteronormativos, principalmente quando ligados a religião, também exigem uma nova formulação e entendimento de leis que reconheçam, por exemplo, outros formatos familiares que não apenas a união entre o homem e a mulher.

Em quesito de visibilidade para minorias LGBT, mulheres, por exemplo, já alcançaram algumas plataformas para lutarem por seus direitos, como por exemplo a Comissão Sobre a Situação da Mulher (CSW), na ONU. Apesar de ser apenas um começo, já é uma conquista para um dos grupos marginalizados em sociedades ao redor do mundo.

⁸ “Essencialismo” é um termo empregado na academia para denotar uma crença de que algumas características possuídas por indivíduos e/ou grupos sociais, como gênero ou raça ou sexualidade, e até nacionalidade, são fixos. Isso é dizer que as facetas cerne da pessoa e identidade pessoal não mudam ao longo do tempo e não se alteram por contextos. Essencialismo é característico de modos deterministas de pensamento que consideram a constituição do mundo social como um reflexo das diferenças naturais entre diferentes grupos de pessoas (inclusive animais). Abordagens a gênero são essencialistas quando atributos e traços de gênero são mantidos como enraizados em diferenças biológicas: isso é, homens naturalmente exibem traços e comportamentos masculinos, enquanto mulheres são femininas e, portanto, vão portar-se em maneiras que expressem sua feminilidade natural (STEANS, 2013, p.11, tradução nossa)

No entanto, ao focar-se em mulheres, questões de sexualidade e outros grupos marginalizados, como LGBT, acabam ganhando ainda menos ênfase em discursos e práticas de direitos humanos (ainda que direitos de sexualidade sejam discutidos para mulheres). Steans enfatiza a dificuldade em ampliar a discussão do tema

Esforços para alcançar o reconhecimento de direitos LGBT como direitos humanos na ONU datam desde 1994 (de acordo com Alto Comissário para Direitos Humanos da ONU, Navi Pillay). Isso é apesar de uma longa história de ativismo gay em questões de direitos como um testemunho para o preconceito impregnado que pessoas LGBT enfrentaram – e continuam enfrentando – em países ao redor do mundo (STEANS, 2013, n.p., tradução nossa)⁹

No entanto, houve conquistas na pauta de sexualidade em relações internacionais. Um exemplo disso são os Princípios de Yogyakarta¹⁰, que trazem um conjunto de normas internacionais relacionados a identidade de gênero, orientação sexual e direitos humanos. Essas normas têm sido usadas como referência internacional para criar padrões legais, como recomendado pela Anistia Internacional¹¹.

Steans (2013) afirma que a perseguição a grupos LGBT ganhou mais relevância internacional nos últimos anos, aparecendo mais frequentemente nos discursos nacionais e internacionais e na criação de políticas públicas, fruto de campanhas nacionais e internacionais, encabeçadas por ativistas LGBT. A exemplo disso, Steans (2013) cita um momento do governo Bush, em que uma ala do Partido Republicano defendia noções conservadoras e tradicionalistas de valores familiares, entretanto

[...] ao mesmo tempo, ativistas de direitos gays nos EUA (incluindo alguns membros do partido republicano) põe pressão na administração Bush para que incorpore direitos LGBT nos objetivos das políticas exteriores e de segurança. Sexualidade e direitos humanos têm, desde então, assumido uma posição levemente proeminente no discurso da administração Obama. Direitos gays alcançaram simultaneamente um maior grau de visibilidade na ONU recentemente e em discursos de políticas e na legislação promulgada em muitos países ao redor do mundo [...] (STEANS, 2013, p. 135, tradução nossa)¹²

⁹ Efforts to achieve recognition of LGBT rights as human rights at the UN date back to 1994 (According to UN High Commissioner for Human Rights Navi Pillay). This is despite a long history of gay activism on rights issues and stands as testimony to the entrenched prejudice that LGBT people have confronted – and continue to confront – in countries across the world (STEANS, 2013, n.p.).

¹⁰ PRINCÍPIOS DE YOGYAKARTA. Acesso em 16 fev. 2017)

¹¹ AMNESTY INTERNATIONAL. Acesso em 16 fev. 2017

¹² [...] at the same time, gay rights activists in the US (including some Republican party members) put pressure on the Bush Administration to incorporate LGBT rights into US foreign and security policy

Steans (2013) busca elucidar e enriquecer o debate de gênero em Relações Internacionais, reiterando que muito dessa discussão foi desenvolvido em alinhamento com trabalhos críticos às identidades lésbica, gay, bissexual e transgênero em teoria social e ciências sociais como um todo. Além disso, frisa que discussões acerca de identidade de gênero e sexualidade já eram carregadas dentro da teoria feminista, principalmente dentro do pensamento lésbico feminista, que trouxe uma importante contribuição para a segunda onda do feminismo. Essas discussões culminariam na criação da Teoria Queer, posteriormente. (STEANS, 2013, p.41)

Dos anos 1990 em frente, a Teoria Queer (associada com as teorias pós-estruturalistas) tem exercido influência em ciências sociais, nas artes e teorias literárias. Além disso, os estudos da teoria culminaram em importantes intervenções no discurso científico sobre gênero e sexualidade (como na questão de intersexo, por exemplo). A soma de seu discurso com os de teóricos feministas tem desafiado a construção dominante de gênero como algo essencial – ligado diretamente ao sexo biológico (STEANS, 2013, p.42).

Carver (2013), comenta sobre como esse ainda é um tema marginalizado nas literaturas acerca do assunto na disciplina de RI

Perspectivas [L]GBT e Queer ganham uma atenção para que não sejam colocados num armário de invisibilidade, mas sua presença parece persistir em algo como um canto... Eu sinto que heterossexualidade é bastante velada pelo modo usual como questões são enquadradas ao redor aos específicos familiares à mulher, violência, homem, política e poder de praxe, e assim por diante O quanto da opressão Às mulheres de fato vem das masculinidades que são construídas dentro dos limites da heterossexualidade – e não da construção de ‘homem’ ou ‘masculinidade’ como tais? (CARVER, 2013, n.p., tradução nossa)¹³

O autor propõe uma possível razão para uma nova abordagem acerca da discussão de gênero em RI, ao colocar que a identidade de gênero pode ser um caminho

objectives. Sexuality and human rights have since assumed a fairly prominent position in the discourse of the Obama Administration. Gay rights have simultaneously achieved a higher degree of visibility at the UN in recent years and in policy discourse and in legislation enacted in many countries around the world [...]

(STEANS, 2013, p. 135).

¹³ [L]GBT and Queer perspectives get a look-in, so they are not put into a closet of invisibility, but their presence seems to persist in something of a corner... I sense that heterosexuality is rather veiled by the usual way that issues are framed around the familiar specifics of woman, violence, man, politics-and-power as-usual and so on. How much of women’s oppression actually derives from masculinities that are constructed within the bounds of heterosexuality – and not from the construction of ‘man’ or ‘masculinity’ as such? (CARVER, 2013, n.p.).

para se explicar a opressão às mulheres, por exemplo, e sua fraca presença em posições de poder em nações e organizações ao redor do mundo.

A teoria feminista¹⁴ foi importante para identificar e questionar as formas convencionais de como são traçadas as linhas que distinguem quais assuntos são privados ou públicos, e sujeitos à crítica e debate minuciosos da sociedade, como aponta Steans. No assunto, ela ainda discorre

No entanto, críticas feministas ao estado-centrismo em RI revelaram processos de mapeamento conceituais servem para remover questões de gênero e relações de gênero do campo de pesquisa, e, por conseguinte, tornar gênero invisível. Mais concretamente, tanto vertentes feministas como trabalhos críticos em sexualidade claramente eliciam como identidades sexualizadas e de gênero são controladas na construção de modelos dominantes de cidadania e como também são contestadas em desafios à legislação e políticas relacionadas a, por exemplo, nacionalidade e asilo (STEANS, 2013, n.p., tradução nossa)¹⁵

A autora aponta como as críticas feministas à intrínseca análise estatocêntrica em RI acabam marginalizando o debate e relações de gênero do campo, e, com isso, tornando-os invisíveis.

Em conclusão, Steans (2013) enaltece a importância do feminismo em RI, o trabalho crítico em identidades de gênero e masculinidades, e, principalmente, a contribuição que a Teoria Queer pode trazer no campo de política internacional, como um “pensamento fresco aos desafios de diferenças e diversidade” (STEANS, 2013, p.232). A autora alega, ainda, como isso pode ser reconhecido facilmente dentro da questão de direitos humanos e seus embates decorrentes de tensões dentro de grupos de identidade e comunidades sub-estatais nacionais, culturais ou religiosas.

Pessoas que não entram em conformidade com os padrões e estereótipos de gêneros são comumente castigadas como bizarras ou degeneradas, e podem ser

¹⁴ Teoria Feminista é caracterizada por uma convicção de que gênero é algo social, não uma faceta ‘natural’ ou ‘essencial’ da identidade. Além disso, gênero é frequentemente entendido em termos relacionais (como a relação entre mulheres e homens são construídas), ou como construídas através de discurso. Portanto, homens e masculinidades sempre se enquadraram no estudo de gênero em RI. No entanto, desde a publicação da edição especial da *Millennium* e do marco de Enloe em frente, trabalhos iniciais de gênero em RI tendiam a ser norteados – de uma forma ou de outra – pelo projeto de tornar mulheres mais visíveis e política internacional (STEANS, 2013, p.2, tradução nossa).

¹⁵ However, feminist critiques of state-centrism in IR have revealed how conceptual mapping processes serve to remove gender issues and gender relations from the field of inquiry and, thereby, render gender invisible. More concretely, both feminist scholarship and critical work on sexuality clearly elicit how gendered and sexualized identities are policed in the construction of dominant models of citizenship and how they are also contested in challenges to legislation and policies relating to, for example, nationality and asylum (STEANS, 2013, n.p.).

classificadas como uma “ameaça para a sociedade *mainstream*”, como coloca Steans (STEANS, 2013, p.7), ao dizer que as crenças sobre gênero incitam o surgimento de preconceitos contra grupos e indivíduos que confundem estereótipos de gênero.

Indivíduos intersexo e suas famílias, por exemplo, precisam passar por grandes problemas psicológicos e sociais para aprender a lidar com as diferenças criadas a partir do contraste entre o que é social e culturalmente aceito como normal e aquilo vivenciado por elas. Há ainda muita ignorância dentro do assunto. Normalmente, espera-se que essas pessoas passem por cirurgia para que possam estar alinhadas com o gênero que lhes foi atribuído inicialmente (STEANS, 2013).

Na próxima seção será traçado um paralelo entre a Teoria Queer e outras relações de desigualdade em RI e outras questões societais de um mundo globalizado. Visto que a Teoria Queer problematiza o estabelecimento de papéis sociais fixos, a proposta é analisar como isso se relaciona com papéis fixos de outros atores.

2.1 UMA ANÁLISE DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS COM BASE EM IDENTIDADES E BINARIZAÇÃO

Desenvolvendo o pensamento de Sedgwick sobre dicotomia e binarização, e alinhando-o com pensamentos do filósofo francês Jacques Derrida (que deu início à desconstrução na filosofia, durante os anos 1960), Steans (2013) busca demonstrar a construção de significados através da criação de opostos, o que não precisa prender-se apenas a questão de gênero. A divisão do mundo em ocidental e oriental também costuma ser utilizada com a denotação de que o primeiro (ocidente) é superior, e o segundo (oriente), inferior, legitimando essa relação de poder através da linguagem.

A autora exemplifica como direitos humanos costumam ser representados como uma dádiva (mesmo que dados através de intervenção militar) do ocidente para o oriente, e conclui:

Em suma, a política de gênero está sempre e em todo lugar amarrada a relações mais amplas de desigualdade e subjugação (STEANS, 2013, p.34, tradução nossa)¹⁶

¹⁶ In short, the politics of gender is always and everywhere tied up in wider relations of inequality and subjugation (STEANS, 2013, p.34).

Steans (2013) segue ligando as noções de gênero com noções de identidade mais gerais, e entra na linha pós-colonialista para explicar a problemática criada por essas diversas identidades nacionais, culturais, regionais e societais (africana, asiática, muçulmana, dentre outras). Dentro da corrente pós-colonialista, Steans (2013) enaltece a diferença e relação de poder criada por colonizadores e colonizados

Para pensadores pós-colonialistas, a experiência do colonialismo é de extrema importância quando se engaja debates sobre gênero. Dominação colonial posicionou mulheres e homens das potências colonizadoras e homens e mulheres em países colonizados como desiguais, e, especificamente, o ‘outro’ colonizado como inferior e, com muita frequência, bárbaro¹⁷

Assim, ligamos as noções de gênero com as noções de identidade coletiva (como exemplificadas acima), o que, por conseguinte, se liga com relações de poder e em especial as relações desiguais de poder (como, por exemplo, entre oriente e ocidente).

Dentro desse assunto, temos um bom exemplo de como a agenda ocidental prevalece sobre a oriental, como trazido por Chandra Mohanty (1988). Da mesma forma, a autora critica o feminismo ocidental por defender uma irmandade global, já que o feminismo ocidental não atende todas as demandas do oriental (MOHANTY, 1988). A autora ainda afirma que o movimento internacional de mulheres atende diversos grupos, mas são as ONGs ocidentais que dominam os debates nos grandes fóruns. Mulheres de grupos étnicos marginalizados têm, na prática, muito menos poder para defender suas próprias pautas, o que Mohanty (1988) chama de “movimento hegemônico de mulheres brancas” (MOHANTY, 1988, p.333). O que é uma forma de colonialismo do feminismo do terceiro mundo, na qual as mulheres não-ocidentais perdem espaço na discussão de políticas emancipatórias (MOHANTY, 1988).

A teorista pós-colonialista compartilha alguns ideais com o feminismo negro, que defende que para alcançar a libertação feminina de estruturas sociais opressivas, é necessário juntar a causa com a de outros grupos subalternos¹⁸, uma vez que os campos

¹⁷ For postcolonial thinkers, the experience of colonialism is of paramount importance when engaging in debates about gender. Colonial domination positioned women and men from colonizing powers and men and women in colonized countries as unequal and, specifically, the colonized ‘other’ as inferior and, very often, barbaric (STEANS, 2013, p. 32).

¹⁸ O termo ‘subalterno’ vem, originalmente, do trabalho de Antonio Gramsci, um intelectual marxista, mais conhecido por seus Cadernos de Cárcere. Na aplicação de Gramsci, ‘subalterno’ significa classes subordinadas ou grupos sociais subjugados. Gramsci usava o termo especificamente para se referir aos grupos mais marginalizados e deslocados de centros de poder e influência sob a condição de hegemonia. Mais frequentemente, o termo é usado em um sentido mais estreito para se referir aqueles grupos os quais são mais marginalizados: os mais pobres que não têm acesso a energia e recursos e são, portanto, negados ação e voz em questões políticas, econômicas e sociais (STEANS, 2013, p.35, tradução nossa).

de gênero, classe e raça estão relacionados. A autora ainda aborda a dificuldade dessas minorias se expressarem, uma vez que tanto no mundo acadêmico quanto no político, a dominância é ocidental, branca e masculina. (STEANS, 2013).

O feminismo pós-colonialista ainda traz em seu cerne a questão da interseccionalidade, que se refere à possibilidade de um indivíduo ser alvo de mais de um tipo de opressão (de gênero, classe, etnia, sexualidade...). Isso confirma a tese de que diferentes classes subalternas devem juntar suas pautas, uma vez que “interseccionalidade expressa a ideia de que grupos específicos de pessoas estão sujeitos e experienciam discriminação de formas múltiplas e interconectadas” (STEANS, 2013, p.36).

Dentro da abordagem pós-colonialista, Steans (2013) passa, então, a falar sobre a busca ou retorno a uma identidade nacional para essas sociedades que sofreram alguma perda cultural e as problemáticas envolvidas nisso. Visto que um retorno aos costumes prévios envolveria, tradicionalmente, a volta de supressões impostas às mulheres, mantendo-as nos limites traçados pela elite masculina, a autora questiona como se daria essa volta sem a perda de direitos. O mesmo argumento pode ser usado para os direitos LGBT, que normalmente não se enquadram nas tradições culturais (apesar de algumas sociedades pré-coloniais terem sido abertas e tolerantes à diversidade sexual) da maior parte dos países do globo. (STEANS, 2013).

Além disso, Steans (2013) traça um paradoxo dentro da questão de nacionalidade e nacionalismo, quando todas essas diferenças sociais e culturais, dentro de um mundo globalizado enfraquecem o “projeto nacional”, ao mesmo tempo em que a globalização faz com que as nações e culturas tendam a fechar-se em si:

Na contemporânea era da globalização, a divisão de forças de mercado não controladas, tensões culturais e raciais, fragmentação social e faccionalismo político sacodem as frágeis fundações do projeto nacional. Os conceitos de identidades hifenizadas e identidades híbridas foram desenvolvidos em resposta a processos de transnacionalismo e, posteriormente, globalização. E ainda assim há outra possível contradição aqui, já que a globalização pode gerar sentimentos de insegurança e de perda de identidade, que por sua vez reforçam o apelo de nacionalismo como um projeto político (STEANS, 2013, p.58, tradução nossa)¹⁹

¹⁹ In the contemporary age of globalization, the divisiveness of unchecked market forces, cultural and racial tensions, social fragmentation and political factionalism all seemingly hack away at the wobbly foundations of the national project. The concepts of hyphenated identities and hybrid identities have been developed in response to processes of transnationalism and, latterly, globalization. And yet there is another possible contradiction here, since globalization can generate feelings of insecurity and loss of identity, which in turn strengthen the appeal of nationalism as a political project. (STEANS, 2013, p. 58).

Para falar da diversidade da natureza masculina, Connel (2005), em seu trabalho *Hegemonic Masculinity: Rethinking the Concept*, traz o conceito de “hegemonia da masculinidade”, também abordando a posse ou exercício de poder do homem sobre a mulher. Connel (2005) assinala os principais traços da masculinidade como sendo forte, dominante, competitivo e racional. Cria-se com isso uma hierarquia num espectro que vai desde homens hiper-masculinizados, até as mulheres mais femininas:

Consentimento cultural, centralidade discursiva, intucionalização e a marginalização ou deslegitimação de alternativas são características amplamente documentadas de masculinidades socialmente dominantes. Também, é bem amparada a ideia original de que masculinidade hegemônica não necessita ser o padrão mais comum no cotidiano de garotos e homens. Em vez disso, hegemonia funciona em parte através da produção de exemplars de masculinidade (como, por exemplo, estrelas do esporte profissional), símbolos que possuem autoridade apesar do fato de que a maior parte dos homens e garotos estão totalmente à altura deles (CONNEL, 2005, p.18, tradução nossa)²⁰

Assim, conclui-se a partir do viés crítico, que além de toda a forma como a masculinidade é construída (como visto acima), o corpo feminino ou masculino, por si só, não confere feminilidade ou masculinidade ao indivíduo, e sim as práticas sociais por meio de quais elas se propagam.

A Teoria Queer pode ser vista como uma forma ou um paradigma explicativo das Relações Internacionais. Ou seja, através dela, pode-se observar e analisar a dinâmica de gênero, dominação, política e direito internacional, como visto anteriormente. A seguir, serão expostas algumas diferentes maneiras e abordagens de gênero em Relações Internacionais que, junto com a Teoria Queer, ajudam a fundamentar as relações desiguais de poder baseadas em identidade.

Um dos principais tópicos da discussão de gênero em RI, argumento central na pesquisa de Steans (2013), é o de que a forma como pensamos sobre gênero pode mudar o próprio mundo onde vivemos. Joshua Goldstein (2003) afirma que o gênero pode e deve ser empregado em Relações Internacionais de forma a entender os problemas reais de guerras dentro de Estados e entre eles.

²⁰ Cultural consent, discursive centrality, institutionalization, and the marginalization or delegitimation of alternatives are widely documented features of socially dominant masculinities. Also, well supported is the original idea that hegemonic masculinity need not be the commonest pattern in the everyday lives of boys and men. Rather, hegemony works in part through the production of exemplars of masculinity (e.g., professional sports stars), symbols that have authority despite the fact that most men and boys do not fully live up to them (CONNEL, 2005. p.18).

Steans (2013) afirma que, ao longo da história, alegou-se que homens e mulheres são essencialmente diferentes uns dos outros e essa noção de diferença foi usada frequentemente para justificar que mulheres são inferiores a homens. Isso nos alerta para uma questão mais profunda acerca de poder que só se encontra quando se questiona o significado e o papel do gênero. Desde Aristóteles (2009 *apud* STEANS, 2013) - que afirmava que o homem detinha a força ativa e criativa, enquanto a mulher a passividade; até na história da filosofia ocidental, o pensamento social e político é marcado pela afirmação de que homens e mulheres são diferentes e essa diferença é importante (STEANS, 2013).

Steans (2013) argumenta que o avanço do capitalismo nos Estados ocidentais fez crescer uma linha de pensamento liberal desde o século XVII. A classe média emergente, já no século XVIII, começou a demandar ao Estado direitos e poderes sobre a sua esfera de dominância privada – negócios e família. Ainda, para a autora,

Na prática, no entanto, o Estado concedeu direitos somente a um restrito grupo de pessoas – homens brancos, classe média e alta que, como detentores de propriedade, eram reconhecidos como tendo uma participação na comunidade política; outros eram excluídos. Mulheres, junto com homens de grupos sociais específicos – classe operária e, em alguns casos, homens de grupos minoritários étnicos – tinham acesso negado ao poder político, personalidade legal e cidadania e eram excluídos da vida pública (tinham o direito de votar ou de procurar escritórios públicos negados) (STEANS, 2013, p.8, tradução nossa)²¹

Para Engels (1972 *apud* STEANS, 2013), nesse período emergiu uma forma tradicional de família e também a subjugação das mulheres, que, no capitalismo moderno, passaram a ser vistas e tratadas como posse dos homens. O texto do autor foi pioneiro ao tratar da dicotomia público/privado no debate da desigualdade de gênero.

Teorias feministas afirmam, ainda, que a irracionalidade feminina, em contraste à racionalidade como uma característica exclusivamente masculina, também foi construída para reafirmar a subjugação feminina. John Locke, apesar de liberal, reafirma o essencialismo de gênero ao afirmar que mulheres são inferiores e, portanto, reforça a força do patriarcado. Como as ciências sociais – e, portanto, o debate de gênero –

²¹ In practice, however, the state granted rights to only a narrow group of people – white, middle-class and upper-class men who, as property owners, were recognized as holding a stake in the political community; others were excluded. Women, along with men from specific social groups – working-class men and, in some cases, men from ethnic minority groups – were denied access to political power, legal personality and citizenship and excluded from public life (denied the right to vote or seek public office) (STEANS, 2013, p.8).

emergiram como campo de estudo apenas no final do século XIX, as diferenças de gênero e o papel social atribuído a mulheres eram tomadas como norma e não eram contestadas. Dessa forma, tudo que não se enquadrava nesse padrão e na dicotomia homem-mulher era tratado como uma anomalia social e se tornava alvo de estigmatização. (STEANS, 2013).

Steans (2013) sugere que uma maneira de abordar gênero em RI é aplicando-a como uma categoria de análise. Uma categoria de análise é um viés relevante pelo qual pode se estudar qualquer evento, tema ou fenômeno de uma área. Em RI, gênero pode ser inserido dessa maneira no estudo de principais temas e instituições da área, como política externa e guerra. A autora propõe que através disso poder-se-ia, por exemplo, entender a fraca representatividade de mulheres em posições de poder na política mundial e traz questionamentos, como “por que há tão poucas mulheres em posições de poder?” e “que diferença, se há alguma, isso faz?” (STEANS, 2013, p.16). Em seguida, Steans (2013) discorre que essas mesmas perguntas ajudam a entender também a marginalização de temas feministas na agenda internacional.

Ao mesmo tempo, a falta de representatividade das mulheres na academia causa a marginalização dos temas feministas em estudos e pesquisas empíricas, dificultando o embasamento dos atores que defendem a causa e reafirmando a posição do estudo de gênero como secundário. Steans (2013, p.16) reconhece, entretanto que “o emprego de ‘mulher’ como uma categoria universal ofusca outras diferenças”

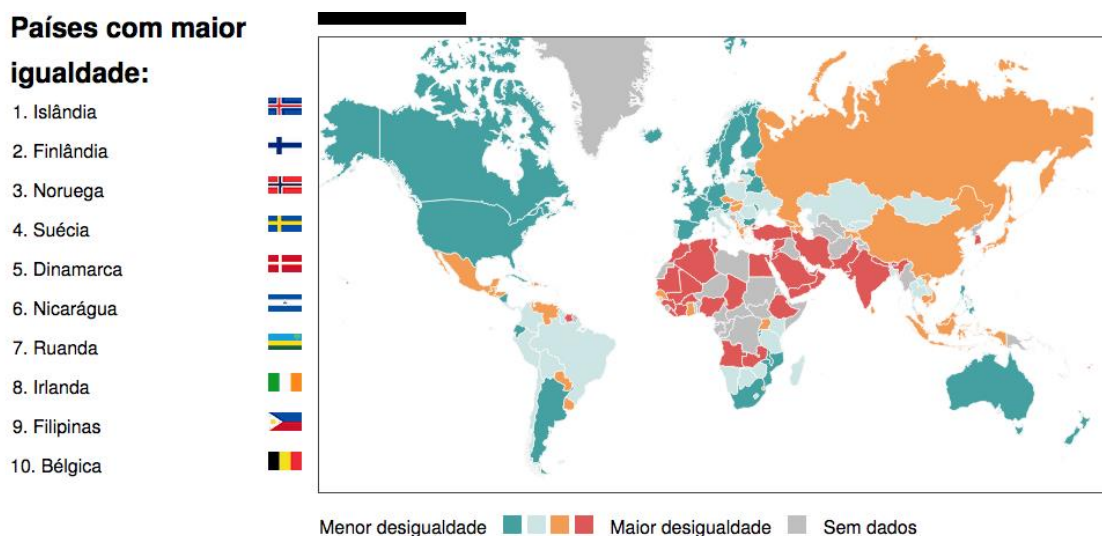
Outra maneira sugerida pela autora para abordar gênero em RI é aplicando gênero como uma variável, onde variável é um fator considerado relevante na produção de explicações sobre um determinado fenômeno. Apesar de semelhante com a abordagem de gênero como categoria de análise, tratar o tema como uma variável implica no comprometimento com um método positivista. Dessa forma, seria possível explicar se gênero faz alguma diferença no entendimento das ações do Estado, quando e como o faz. Essa abordagem compromete-se com a busca por soluções, enquanto a abordagem de gênero como categoria de análise cria perguntas que não necessariamente trazem uma solução (STEANS, 2013).

Segundo a autora, a variável de gênero já foi incluída por alguns grandes autores de RI, como Keohane, que argumenta sobre a possível relevância de gênero na explicação da probabilidade de um país entrar em guerra. “The claim that the inclusion of more women in foreign policy-making and in the high politics of statecraft would result in the pacification of states and so decrease the incidence of war was first advanced by

moral feminists in the peace movement” (STEANS, 2013, p.18). Keohane retoma esse tema, mas com uma diferente abordagem

Como parece ser o caso com democracias, Estados com relações de gênero mais igualitárias são menos inclinados a lutar entre si? Essa hipótese pode ser testada através da identificação do grau ao qual países com altas taxas de igualdade de gênero comportam-se diferentemente daqueles com menos igualdade de gênero (KEONHANE, 1998, *apud* STEANS, 2013, p.18, tradução nossa)²²

Figura 1 - Tabela Ilustrativa mostrando desigualdades de gênero em países



Neste índice, a pontuação do Brasil caiu de 0,656 para 0,649 - quanto maior perto de 1, maior a igualdade entre os gêneros. A nota zero indica desigualdade total.

Brasil	Nota	Posição
Participação e oportunidade econômica	0,694	81ª
Educação	1	1ª*
Capacitação Política	0,148	74ª
Saúde e Sobrevivência	0,98	1ª*
*empate		

Fonte: Dados FÓRUM Econômico Mundial; Tabela BBC Brasil

Steans (2013) traz também os estudos de Mary Caprioli e Mark A. Boyer (2001) sobre a diferença que gênero pode fazer no processo de elaboração de políticas. Caprioli e Boyer, utilizando dados sobre o desempenho de líderes femininas durante

²² As is seemingly the case with democracies, are states with more egalitarian gender relations less inclined to fight each other? This hypothesis can be tested by identifying the degree to which ‘countries with highly in-egalitarian gender hierarchies behave differently from those with less gender inequality at home’ (KEOHANE 1998 *apud* STEANS, 2013, p.18).

crises internacionais, bem como examinando a relação entre a igualdade de gênero em nível doméstico e o uso de violência por parte do Estado, chegaram à conclusão de que quanto menor a desigualdade de gênero num país, menor é o nível de violência ao qual o Estado recorre (STEANS, 2013).

Mesmo que cientistas se engajem em pesquisas para localizar diferenças de gênero em funções neurológicas ou hormônios, há um consenso, de acordo com Stean (2013), de que a socialização desempenha um grande papel na construção de identidades de gênero, e que comportamentos específicos de gênero podem ser tanto adquiridos quanto naturais. Não há dúvidas de que abordagens essencialistas nas discussões teóricas foram abaladas após as contribuições de teorias feministas e queer a partir dos anos 1960. Ainda assim, há um grande caminho a ser percorrido até que os ideais da Teoria Queer ganhem apreciação ou aceitação popular (STEANS, 2013). Sobre essencialismo na atualidade, Steans retoma

Mesmo assim o essencialismo de gênero está longe do fim na política do 'mundo real'. Essencialismo é uma propriedade de diversas expressões de pensamentos e práticas fundamentalistas, como por exemplo o fundamentalismo religioso (Cristão, Judaico, Islâmico) ou formas reacionárias de nacionalismo. Aqui, essencialismo refere-se tipicamente como intolerância à diferença, de modo que aqueles que não se enquadram no que é tido como sendo as principais características de grupos são veementemente discriminados e/ou excluídos da comunidade. Assim, fundamentalistas religiosos não apenas insistem que homens e mulheres se adequem a rígidos estereótipos em sua maneira de se vestir e a execução de seus papéis, mas frequentemente prescrevem normas sociais, ou decretam legislações que apoiam a heteronormatividade. Em muitos casos, transgressões são punidas ou penalizadas. Em muitas partes do mundo, homens abertamente gays ou pessoas transgênero são sujeitas à discriminação e estigmatização social; em alguns países, ser abertamente gay significa arriscar prisão ou até mesmo morte (STEANS, 2013, p.13, tradução nossa)²³

Vistos os principais conceitos de Teoria Queer, discussões de gênero e algumas de suas aplicações em Relações Internacionais, veremos no capítulo seguinte a situação das discussões e entendimento de gênero na sociedade russa e o que isso representa para grupos minoritários ou queer dentro desse contexto.

²³ Yet gender essentialism is far from dead in 'real-world' politics. Essentialism is a feature of various expressions of fundamentalist thought and practice, for example religious fundamentalism (Christian, Jewish, Islamic) or reactionary forms of nationalism. Here, essentialism typically manifests as intolerance to difference, such that those who do not conform to what are deemed to be the essential characteristics of groups are heavily discriminated against and/ or excluded from the community. Thus, religious fundamentalists not only insist that men and women conform to rigid gender stereotypes in their dress, manner and the performance of their roles, but often prescribe social norms, or enact legislation, that support heteronormativity. In many instances, transgressions are penalized or punished. In many parts of the world, openly gay men or transgender people are subjected to discrimination and social stigmatization; in some countries, to be gay openly is to risk imprisonment or even death (STEANS, 2013, p.13).

3 RÚSSIA, IGREJA ORTODOXA E HERANÇA CULTURAL

O presente capítulo busca reconstruir, de forma breve, como a sociedade russa atual formou-se com forte influência de valores cristãos, especialmente da principal religião do país, a Igreja Ortodoxa Russa (IOR). Serão abordadas as influências, as heranças do comunismo e as mudanças ocorridas na sociedade com o passar dos anos. Além disso, será feita uma curta análise do histórico e governo do presidente Vladimir Putin, suas tendências e vieses, bem como a proximidade do governo com a IOR.

O ex-agente da KGB, Vladimir Putin, é uma figura relevante no entendimento da institucionalização do machismo e da perseguição aos grupos LGBT na Rússia. À frente do país desde 1999, quando da renúncia de Boris Yeltsin, Putin é um personagem central na política externa e interna Rússia no pós-Guerra Fria. Para Maria Dourado (2004), Putin criou um sistema onde não suspendia completamente os direitos democráticos, mas conseguiu, de modo estratégico, moldar um país que seria considerado democrático, através de eleições diretas, falsa liberdade de informação, multipartidarismo, entre outros, mas que, por dentro, vê instituições fortemente controladas pelo presidente, eleições praticamente arranjadas e oposição contida.

Putin - que foi presidente de 2000 a 2008 e de 2012 até o previsto mandato de 2024, além de Primeiro Ministro entre os dois mandatos - adotou políticas estatais consideradas polêmicas. Ele iniciou-se na vida política após aposentar-se da carreira militar como agente da KGB em 1991, e, já em 1996, mudou-se para Moscou para fazer parte da administração de Yeltsin, onde teve uma escalada rápida, de acordo com sua própria biografia.²⁴ O início de sua carreira como presidente marcou diversas reformas sociais e econômicas, novas tensões com os Estados Unidos e uma postura bastante rígida no que tange a assuntos internos (MILHAZES, 2000). Logo que assumiu, Putin trocou o hino nacional e foi aumentando gradualmente seu poder pessoal, ao diminuir a autonomia das províncias.

Putin parece valorizar sua imagem viril, que é reforçada, por exemplo, por suas aparições dirigindo um caça militar na Chechênia, em 2000, e uma moto, durante um festival de motoqueiros em 2011 (ambos próximos a períodos eleitorais). É importante mencionar que um grupo de motoqueiros exerceu um relevante papel em ressaltar o fervor

²⁴ Site pessoal de Vladimir Putin. Acesso em 23 fev. 2017

patriótico quando a Rússia invadiu a Criméia em 2014, como colocado pelo artigo da BBC de 2015²⁵.

Dourado (2004, p.2) afirma que “[...] Vladimir Putin, está sendo constantemente comparado a um czar pela mídia ocidental, a cada dia a repressão na Rússia tem aumentado e constantemente assistimos [...] ativistas, jornalistas e políticos de oposição ao governo serem mortos ou presos.” A autora ainda sugere que o regime que despontou na Rússia após o colapso da URSS não gerou uma democracia nos moldes da expectativa ocidental, mas uma mistura de democracia e autoritarismo, também chamada de autoritarismo eleitoral (DOURADO, 2004). Exemplificando isso, estão leis que aumentam o controle de Putin sobre as províncias, o controle que ele tem sobre as comunicações, o restabelecimento de um partido único e a lei de 2013, autoriza o presidente a escolher os candidatos a governador das regiões. A repressão durante a Guerra da Chechênia foi extremamente dura contra os rebeldes separatistas e Putin é acusado pela morte de centenas de crianças em ataques (DOURADO, 2004), o que reforça sua imagem masculina, viril e racional.

Para Pomeranz (2005), após o colapso da União Soviética, Boris Yeltsin tentava estabelecer uma democracia e a Rússia viveu um dos períodos mais liberais. Mas uma situação econômica e socialmente caótica levou a um sistema de poder central débil e controlado por uma oligarquia econômica.

Coube, assim, a Putin, em primeiro lugar, restabelecer o poder central. Para tanto, caminhou por duas linhas bem definidas: buscou restringir a influência ostensiva dos oligarcas econômicos, estabelecendo com eles um acordo, mediante o qual estes deixariam de se imiscuir nos negócios do Estado; e procurou delimitar o poder dos governadores regionais, na sua contraposição ao comando central. Para isto, nomeou sete interventores regionais, cuja missão consistiu em compatibilizar a legislação regional com a central e em controlar o fluxo da arrecadação fiscal entre o poder central e as regiões. Além disso, restringiu os poderes legislativos dos governadores, modificando a representação regional no Conselho da Federação, a câmara alta do Parlamento russo. (POMERANS, 2005, p.2)

Dourado (2004), ao escrever sobre a história russa, ainda aponta sobre a importância da centralização do poder do Estado Russo, na presença de um grande e forte líder, o que é tido como um fator fundamental para que a civilização russa se desenvolvesse e que, segundo ela, marcou a psique política dos russos até hoje. No

²⁵ **BBC**, Vladimir Putin: Russia's action man president. Publicado em 3 de Dezembro de 2015. Acesso em 22 fev. 2017

governo de Putin, chega-se até a falar sobre uma ditadura, como diz Nascimento (2013, p.113)

O interessante na liderança de Vladimir Putin é que a crescente concentração de poder em suas mãos – o controle quase total do legislativo e da mídia, o esvaziamento do poder dos governadores, o controle do judiciário e de boa parte da economia -, ocorreu sem comprometimento da democracia eleitoral formal: ele foi eleito presidente duas vezes (2000 e 2004), depois exerceu o cargo de primeiro-ministro quando impedido de concorrer para um terceiro mandato consecutivo, voltando a ser eleito presidente em 2012. As instituições políticas continuam formalmente existindo e funcionando, o que torna difícil definir a Rússia como uma ditadura explícita (NASCIMENTO, 2013, p.113)

O autoritarismo de Putin é bastante visível em sua relação com a oposição. O envenenamento de opositores a ele (Anna Politkovskaya, Alexander Litvinenko²⁶ e, mais recentemente, Vladimir Kara-Murza²⁷), a morte a tiros de Boris Nemtsov²⁸ momentos após proferir em entrevista de rádio declarações polêmicas sobre o governo de Putin e alegar que temia por sua vida são, no mínimo, casos suspeitos. Protestos são pouco tolerados, principalmente quando envolvem a Igreja Ortodoxa ou ferem a moral russa e, de acordo com Peron (2012) a legislação russa respalda as punições operadas pelo governo - incluindo uma lei que proíbe manifestações em locais de cunho religioso ou com alusões a simbologia ortodoxa, uma lei que proíbe obscenidades em protestos e uma multa de 300 mil rublos aplicável a qualquer cidadão que participe de alguma manifestação não autorizada pelo governo.

Vladimir Putin também aparenta ter um histórico de homofobia. Às vésperas dos Jogos Olímpicos de inverno de Sochi - as olimpíadas mais caras da história até então - Putin, como forma de atrair audiência para os jogos, disse que os gays eram bem-vindos ao seu país, se ficarem longe das crianças. Putin ainda agraciou com uma medalha de honra um oficial reconhecidamente homofóbico (CARTA, 2014). A lei que ele aprovou em 2013 que proíbe a propaganda gay vem “disfarçada” de combate à pedofilia, porque censura quaisquer formas de publicidade, campanha ou conteúdo público que reforcem formas de amor não convencionais ou não alinhadas com a identidade tradicionalista russa. Segundo Carta (2014), a Igreja Ortodoxa Russa desempenha importante papel na construção desse tipo de opressão e “cultura popular” homofóbica.

²⁶ **CARTA Capital**, O caso Litvinenko revela a Rússia, Walter Maierovitch, 2016. Acesso em 22 fev. 2017.

²⁷ **G1**, Governo da Rússia é novamente acusado de envenenar opositor, 2017. Acesso em 23 fev. 2017.

²⁸ **INDEPENDENT**, Boris Nemtsov: 'I'm afraid Putin will kill me,' politician said weeks before being shot dead. Lizzie Dearden, 2015. Acesso em 23 fev. 2017

Apenas 25% dos russos são cristãos praticantes, mas 90% julgam-se cristãos ortodoxos, uma “tradição russa”. Ou seria mais uma invenção de um povo em busca de uma identidade nacional, como diria Eric Hobsbawm? Nesse obscuro contexto, um ex-clérigo chegou até a propor um holocausto gay. Estigmatizados, homossexuais são tratados com violência. Quando um jovem gay de 23 anos revelou a amigos sua orientação sexual em Volgogrado, foi morto a socos e pontapés. Putin não condena publicamente esse gênero de violência. Embora não seja praticante, como seu antecessor Boris Yeltsin, o atual presidente usa o apoio da Igreja, que o julga um “milagre”. (CARTA, 2014)

A relação entre Vladimir Putin e a Igreja Ortodoxa é bastante controversa. Muito se fala sobre como a Igreja, na Rússia, serve aos interesses do Estado e vice-versa. Para Gielow (2016, n.p.), “efetivamente, a relação Igreja - Kremlin é intrínseca porque boa parte dos prédios religiosos ou pertence ao Estado ou recebe verbas como monumentos históricos. Desde o início da dinastia Romanov, no século 17, os chefes do poder usam a interface da igreja com o povo”. Para Chacra (2016, n.p.) “A Igreja faz parte do corpo do Estado russo, por vezes de maneiras tão sutis que não se percebe”. Durante a última campanha eleitoral, pela primeira vez a Igreja envolveu-se na luta eleitoral, ao tornar clara a sua preferência por Putin (SARAIVA, 2013).

Muitos cristãos ortodoxos, ao contrário de outras populações da região após o comunismo, buscam reafirmar a desigualdade de gênero ou a diferenciação deles, vendo os ideais soviéticos (durante o regime comunista) e ocidentais como nocivos à pátria russa (KIZENKO, 2013). Kizenko (2013) descreve muito bem o reforço do patriarcado através da IOR

A própria palavra "patriarcado" se aplica mais literalmente na Rússia do que em qualquer outra tradição religiosa cristã. A Igreja Ortodoxa Russa é chefiada por um homem cujo título é "patriarca", a principal publicação da Igreja Ortodoxa Russa se chama "O Jornal do Patriarcado Russo". Assim como no catolicismo romano, o clero ordenado é exclusivamente masculino (KIZENKO, 2013, p.595, tradução nossa)²⁹

Diferentemente da igreja Católica, no entanto, a IOR não possui um corpo supranacional ou uma liderança suprema. O patriarca de Moscou e da Rússia, assim como outros patriarcas de igrejas nacionais, exerce autoridade apenas sobre seu território canônico, e seu poder é o equivalente, na Igreja Católica, aos de um bispo. Além disso, a

²⁹ The very word “patriarchy” applies more literally in Russia than it does in other Christian religious traditions. The Russian Orthodox Church is headed by a man whose title is “patriarch”; the leading publication of the Russian Orthodox Church is called Journal of the Moscow Patriarchate. As in Roman Catholicism, the ordained clergy are exclusively male (KIZENKO, 2013, p.595).

religião incentiva o casamento de padres antes de iniciarem sua ordenação, já que não poderão fazê-lo depois (KIZENKO, 2013). Os casados também só podem progredir em cargos da religião até um certo ponto, onde bispos devem ser ou celibatos, ou viúvos.

As eleições de novos patriarcas, bem como a doutrina e formulação de políticas da igreja na Rússia, são resolvidas nos conselhos da igreja, onde a participação é esmagadoramente masculina. Os últimos dois conselhos tiveram participação 10% feminina (KIZENKO, 2013), o que, apesar de pequeno, é um avanço com relação à Igreja Católica.

No entanto, durante o período da segunda guerra mundial e do regime comunista, devido à morte ou a falta de espaço para isso, coube às mulheres manter as tradições da IOR, que havia tido sua influência fortemente delimitada durante a fase soviética (KIZENKO, 2013). Após o fim do domínio soviético, porém, o domínio masculino voltou a ser progressivamente mais exercido, como descreve a autora

Mais de vinte anos após o fim do governo soviético e secularização do estado, no entanto, algumas mudanças emergiram. Em alguns casos, o renascimento da vida religiosa pública e um dilúvio de homens entrando para o sacerdócio significaram uma diminuição dos papéis religiosos das mulheres. O recente trabalho antropológico de Natalie Konokeko mostra que o que as mulheres faziam em seus lares durante o período soviético (a leitura de salmos de falecidos e supervisionando outros rituais fúnebres, por exemplo) agora é novamente realizado na igreja; padres, ao invés de mulheres idosas, retomaram seu papel de especialistas religiosos das comunidades (KONOKENKO, 2006 *apud* KIZENKO, 2013, p.598, tradução nossa).³⁰

Kizenko (2013) traz uma entrevista com o decano de uma diocese de Moscou (Padre Chornoguz) para elucidar mais seu ponto. Na entrevista, é feita a pergunta “se uma mulher que ocupasse um lugar mais proeminente na sociedade do que seu marido, ou que ganhasse mais dinheiro do que ele (ou seja, ocupando a posição de ‘ganhadora de pão’ da família) ainda poderia ser considerada uma ajudante de seu marido? Ou como alguém pode falar de humildade a uma mulher dona de seu próprio negócio e/ou independente?”. A resposta obtida foi a citação de um trecho do Gênesis, da Bíblia: “Eva foi criada como ajudante de Adão, e não o inverso”, bem como uma citação de um filme de 1980, *Moscow*

³⁰ More than twenty years after the end of Soviet rule and state-sponsored secularization, however, some changes have emerged. In some cases, the revival of public religious life and a flood of men entering the priesthood have meant a lessening of women’s religious roles. Natalie Kononenko’s recent anthropological work shows that what women did in their homes in the Soviet period (reading psalms over the departed and overseeing other death rituals, for example) is now again done in church; priests, rather than older women, have resumed their role as the community’s religious experts (KONOKENKO, 2006 *apud* KIZENKO, 2013, p. 598).

Does Not Believe in Tears, em que a “mulher forte e de negócios” ainda “ansiava por um marido ao qual obedecer”. Em seguida, o padre comenta que “a mulher que tivesse o melhor trabalho no mundo, mas nenhuma família, ainda seria metade mulher, e que uma mulher de negócios poderia mostrar humildade ao atribuir o sucesso de seu departamento não às suas próprias habilidades, mas às de seus subordinados” (KIZENKO, 2013).

Ainda no assunto, Kizenko (2013) revela o trecho de outra entrevista, falando sobre o envolvimento de homens e da igreja em como uma mulher deve se vestir

[...] praticamente todo mundo tem uma opinião sobre o que mulheres deveriam vestir. O Arcipreste Vsevolod Chaplin, chefe do departamento para relações entre igreja e sociedade da Igreja Ortodoxa Russa, recentemente opinou que mulheres em mini saias podem provocar "não apenas um homem do Cáucaso, mas um homem russo também" (KIZENKO, 2013, p.607, tradução nossa)³¹

O fato de os movimentos sociais terem tido um foco apenas em liberdade política (inclusive os feministas) durante a União Soviética fez com que as mulheres na Rússia não alcançassem a mesma realidade que as mulheres nos Estados Unidos e Europa, por exemplo, mesmo tenho participado da força de trabalho e tido acesso ao ensino superior (KIZENKO, 2013).

Assim, a vida hoje na Rússia acaba mais sexista do que antes da queda do comunismo. Como visto em um artigo da Gazeta Russa (*Russia Beyond the Headlines*), de Marina Obrazkova (2013), mulheres que não reagem bem às piadas sexistas vindas de homens são tidas como sem senso de humor. Obrazkova entrevista a colunista e editora-chefe do portal Ezhikezhik.ru, Svetlana Feoktistova, que expõe

A situação se desenvolveu por causa da falta de respeito dos russos em relação ao espaço pessoal e ao cumprimento das regras de etiqueta social. Provavelmente, a culpa disso pode ser atribuída a fatores históricos como regime de servidão [na Rússia czarista] e cotidiano dos apartamentos comunais soviéticos (FEOSTIKOVA, 2013 apud OBRAZKOVA, 2013)

Feostikova (2013) expõe ainda como sexo é usado para alcançar objetivos pessoais e como o feminismo é visto como desnecessário. Mulheres feministas são ridicularizadas não apenas por homens, mas também por mulheres compatriotas. Kizenko (2013) também contribui com os relatos pessoais sobre o sexismo na sociedade russa. Ao

³¹ [...] just about everyone has an opinion about what women ought to wear. Archpriest Vsevolod Chaplin, the head of the Russian Orthodox Church's department for relations between church and society, recently opined that women in miniskirts could provoke "not only a man from the Caucasus, but a Russian man as well (KIZENKO, 2013, p. 607).

entrevistar a mulher de um padre em São Petersburgo, obtém a resposta de que “oligarcas bilionários compram mulheres como decorações, e mulheres competem entre si para se tornarem suas esposas ou meretrizes de ‘alta classe’” (KIZENKO, 2013).

Repleta de mal-entendidos sobre gênero, sexualidade e feminismo, a campanha anti-gênero da IOR foi fortalecida pelas políticas de masculinidade do governo Putin (JOHNSON, 2014). Declarações como “graças ao feminismo, temos 40 milhões de mulheres que não possuem maridos e experienciam profunda tristeza e 90% dos homens não pagam pensão. Isso é um produto do feminismo” (SMIRNOV *apud* JOHNSON, 2014, p.585) e pedidos para que mulheres não usem saias curtas para não provocar homens a cometerem estupro, vindas de cargos altos da Igreja Ortodoxa Russa, denotam a mentalidade construída em seus seguidores (JOHNSON, 2014)

A política de masculinidade contribuiu para a criação da recente “*Gay Propaganda Law*”, que impede qualquer manifesto, forma de divulgação ou propaganda que incite “relações sexuais não-tradicionais” (JOHNSON, 2014, p.585) para menores de idade. A lei foi vista como um ataque ao grupo LGBT na Rússia, e uma forma de limitar a discussão acerca de direitos desse grupo em locais públicos ou na mídia (JOHNSON, 2014). Falando, ainda, sobre a política de masculinidade e anti-LGBT, Johnson (2014) traz

Elas ajudam a explicar porque a Rússia ainda não aprovou nenhuma grande legislação promovendo igualdade de gênero desde a queda do comunismo, nem mesmo a frágil legislação de igualdade de gênero e de violência doméstica, que estão em trâmite há mais de uma década. Aquela foi esmagada pela Igreja Ortodoxa quando proponentes tentaram ressuscitá-la em 2012; a última recebeu, em 2013, a benção de Putin para seguir em frente, mas com pouquíssima igualdade de gênero nela e sinais de resistência da Igreja (JOHNSON, 2014, p.585, tradução nossa)³²

Até a data de escrita dessa monografia, a lei mencionada acima sobre violência doméstica continua sendo aprovada em seu trâmite pela legislação russa.³³

³² They help explain why Russia has still not passed any major legislation promoting gender equality since the collapse of communism, not even the weak gender equality and domestic violence legislation which have been under consideration for more than a decade. The former was quashed by the Orthodox Church when proponents tried to resurrect it in 2012; the latter has, as of 2013, received Putin’s blessing to go forward, but with very little gender equality in it and signs of resistance from the Church (JOHNSON, 2014, p.585).

³³ EXAME, **Rússia aprova lei de descriminalização da violência doméstica**, AFP, 2017. Acesso em 24 fev. 2017

Johnson (2014) também reforça como a IOR teve forte influência na crescente política anti-feminista do governo russo, incluindo restrições ao aborto, em 2011, até a “estratégia de família nacional”, proposta em 2013, que procura tornar em políticas públicas a visão da igreja acerca de temas como aborto, divórcio e homossexualidade (JOHNSON, 2014).

Após a queda da União Soviética, o novo governo tratou de perseguir pequenas e fracas organizações feministas sob alegações de que seriam formas de influência ocidental dentro do território russo, visto que muitas dessas organizações eram (até o início dos anos 1990) ONGs com financiamento externo. A forma como o movimento feminista funcionava nessa época acabou por enfraquecer o movimento feminista original russo (JOHNSON, 2014).

O partido político Rússia Unida, atual partido ao qual pertence o presidente Vladimir Putin, utilizava a contratação de mulheres como uma forma de promoção de imagem. A ideia era mostrar que diferentes grupos estavam unidos pela causa do partido. Normalmente, nomes famosos (como celebridades, cantoras, atletas) eram incorporados ao partido como forma de atrair votos. Johnson (2014) adiciona

Como um informante explicou (comunicação pessoal confidencial, maio de 2013), mulheres na Rússia são trazidas para limpar a bagunça para que líderes masculinos tenham uma boa imagem, uma perversão do mito do desenvolvimento de que mulheres são menos corruptas (GOETZ, 2007). Mulheres que são "confiáveis, conversadoras e atraentes" (ou pelo menos saibam como usar feminilidade) são especialmente bem qualificadas para esse trabalho, e são ainda mais baratas como candidatas (porque "homens tendem a parecer detestar seus constituintes") (JOHNSON, 2014, p.588, tradução nossa)³⁴

Antes da revolução comunista, a IOR, junto com o Estado, legitimava completamente o papel do homem como o patriarca da família. O Tsar era o “Pai Divino” (ASHWIN, 2000, p.78) e governante da nação e esse papel era transportado para dentro da esfera familiar através do papel do homem, pai de família (numa típica família camponesa). Os bolcheviques buscaram diminuir essa imagem quase divina da figura autoritária paterna, colocá-la no Estado e, no lugar, preencher a realização masculina

³⁴ As one insider explained (confidential personal communication, May 2013), women in Russia are brought in to clean up the messes so that the men leaders look good, a perversion of the development myth that women are less corrupt (Goetz 2007). Women who are “reliable, talkative and attractive” (or at least know how to use femininity) are especially well qualified for this job, and they are even cheaper as candidates (because “men tend to appear to loathe their constituents”) (JOHNSON, 2014, p. 588)

através do trabalho, que, por conseguinte, traria desenvolvimento do sistema e do Estado (ASHWIN, 2000).

Durante o regime soviético, gênero sempre foi uma das principais bases para organização da sociedade. O regime utilizou-se dessa estratégia, embasada nas diferenças das funções que cada gênero possuiria dentro do funcionamento da sociedade, como uma forma de se diferenciar bruscamente do modo como a Rússia pré-revolução funcionava. Assim, durante a União Soviética, era através do gênero que eram delegadas as obrigações que os cidadãos teriam. Homens e mulheres possuíam papéis distintos para realizar durante a construção do comunismo. Coube às mulheres o papel de “mães-trabalhadoras, que tinham o dever de trabalhar, de produzir futuras gerações de trabalhadores, bem como supervisionar o funcionamento do lar” (ASHWIN, 2000, p.1). Em troca, as mulheres receberiam proteção do Estado e liberdade, ao ter acesso ao trabalho assalariado. Enquanto isso, homens teriam papéis de maior status, porém mais limitados. Serviriam como líderes, gerentes, soldados e mão de obra, enquanto o Estado substituiria seus papéis de pai e provedor, tornando-se um “patriarca universal, ao qual ambos homens e mulheres serviriam” (ASHWIN, 2000, p.1).

Dessa maneira, masculinidade se tornou socializada e incorporada no Estado soviético, a masculinidade de homens individuais sendo oficialmente definida pela sua posição no serviço daquele Estado (ASHWIN, 2000, p.1, tradução nossa)³⁵

Após a queda do regime soviético, no entanto, mulheres não possuíam mais trabalho garantido fora do lar, e ao mesmo tempo, seu papel como mãe estava voltando à instituição privada do lar e de responsabilidade privada, bem como seus benefícios sociais estão retrocedendo. Cai, então, sobre os homens a expectativa de reassumir o papel patriarcal dentro do lar. O sistema que sustentava as identidades de gênero ruiu, dando espaço às identidades alternativas. As características de uma mulher ideal, nesse contexto, tornam-se: lealdade matrimonial, devoção religiosa e, acima de tudo, um patriotismo que se realiza através da fidelidade ao marido. Porém, o papel a ser desempenhado pelos homens na esfera privada fica mal definido (ASHWIN, 2000)

Neste contexto, sobre a questão e preconceitos enfrentados pelo grupo LGBT, não é novidade que sempre enfrentaram preconceitos, ignorância e discriminação. Porém,

³⁵ In this way, masculinity became socialized and embodied in the Soviet state, the masculinity of individual men being officially defined by their position in the service of that state (ASHWIN, 2000, p.1).

com a aprovação da *Gay Propaganda Law*, o governo formalizou isso a um patamar legal, e a atmosfera para russos LGBT torna-se cada vez mais hostil (STRACANSKY, 2013).

Conforme a liderança de Putin foi se estabelecendo, cada vez menos figuras públicas assumiram publicamente sua homossexualidade e ativistas que tentaram defender e promover direitos humanos sofreram crescente opressão, prisão e violência. Há a suspeita de uma perseguição contra homossexuais na Rússia, que vêm sendo usados como bode expiatório para os deslizes da administração Putin, conforme a economia russa ainda passa por dificuldades (HEALEY, 2004).

Muitos homens russos gostam de ser vistos como um "muzhik" - que literalmente significa "camponês" mas conota um homem durão, devoto e com ideais conservadores e que domina a casa [...] Tais homens têm sido parte da base do poder de Putin desde sua primeira eleição a presidente, em 2000 (HEALEY, 2004, n.p., tradução nossa)³⁶

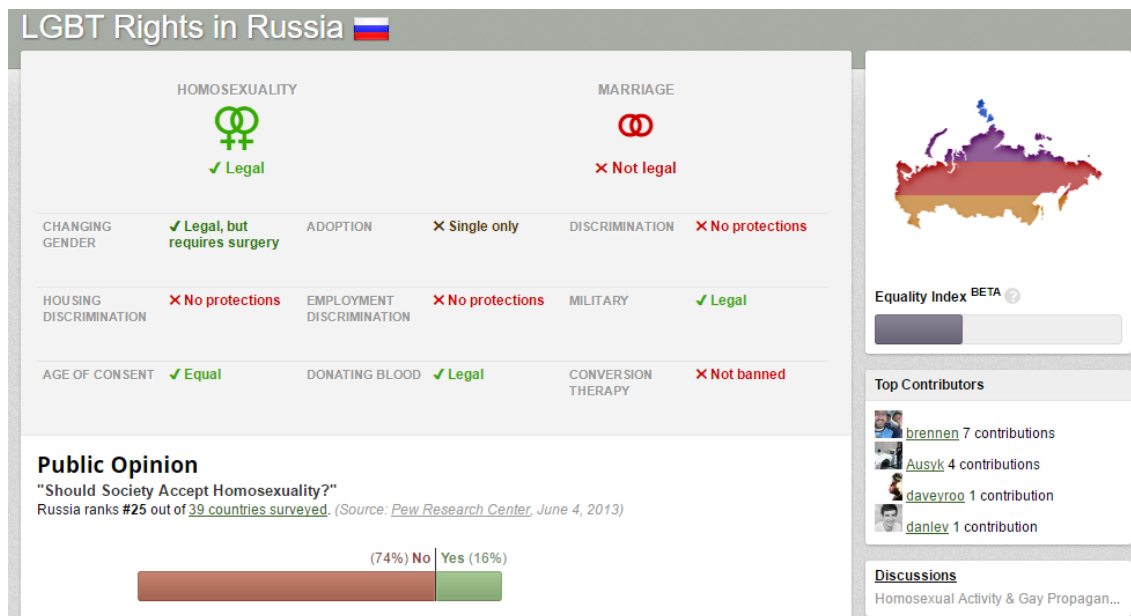
Morando em uma cidade grande como São Petersburgo ou Moscou, estudando em uma universidade ou trabalhando para uma companhia liberal, é mais fácil ser gay. No entanto, ainda assim, não é possível sentir-se completamente seguro. A situação fica muito pior no interior, onde, caso sua sexualidade torne-se conhecimento público, há fortes riscos de morte ou espancamento. (STRACANSKY, 2013).

Essa é a realidade diária para pessoas LGBT em toda a Rússia, que enfrentam uma crescente estigmatização e ataques por grupos vigilantes neonazistas e homofóbicos ao mesmo tempo em que políticos aumentam a retórica anti-LGBT e novas legislações criminalizam apoio ao estilo de vida não-heterossexual (STRACANSKY, 2013, n.p., tradução nossa)³⁷

³⁶ Many Russian men like to be seen as a 'muzhik'--which literally means 'peasant' but now connotes a tough, single-minded man with conservative ideals who dominates his household. [...] Such men have been part of Putin's power base since he was first elected president in 2000 (HEALEY, 2004, n.p.).

³⁷ This is the daily reality for LGBT people across Russia, who are facing growing stigmatisation and attacks by homophobic neo-Nazi vigilante groups at the same time as politicians ramp up anti-LGBT rhetoric and new legislation criminalises support for non-heterosexual lifestyle (STRACANSKY, 2013, n.p.)

Figura 2 - Status dos direitos LGBT na Rússia e Opinião pública sobre aceitação da homossexualidade



Fonte: EQUALDEX

A desigualdade social é afirmada para grupos LGBT quando esses são demitidos de seus empregos por causa de sua orientação sexual. Mesmo que após a queda do comunismo na Rússia a homossexualidade tenha sido legalizada, ela nunca foi bem incorporada aos valores da sociedade russa. Estatísticas mostram que 80% dos russos acreditam que a homossexualidade é uma doença que pode ser tratada, e outros 42% acreditam que ela deveria ser criminalizada (STRACANSKY, 2013).

A IOR, vista amplamente como a autoridade moral suprema pela população, tem grande poder de influência sobre as atitudes sociais. Seus líderes fazem declarações LGBTfóbicas abertamente e com frequência. O mesmo tem acontecido dentre políticos, que tacham a homossexualidade como uma perversão, conectando-a a pedofilia, além disso, há a suspeita de que o governo esteja tentando criar a face de um inimigo do Estado com esses grupos minoritários, incluindo imigrantes. (STRACANSKY, 2013).

Essa também seria uma forma da Rússia de podar a liberdade de expressão sob o disfarce da promoção de valores tradicionais e de impedir uma maior disseminação de ideologias ocidentais. Estilos de vida LGBT são vistos como degradação social, importados do ocidente (STRACANSKY, 2013).

The level of ignorance in Russian society towards LGBT people is very high and it is easy to incite hatred [against LGBT people] in society and cast them as an enemy. Any totalitarian government needs an enemy. President

[Vladimir] Putin is building a new ideology – statist, conservative and anti-Western (Tsybalova, 2013 *apud* STRACANSKY, 2013, n.p.).³⁸

A autora reforça as manobras utilizadas pela administração Putin, ao incitar ódio contra minorias LGBT como uma forma de dar face a um inimigo comum do território, incorporando nesse grupo aquilo que é oposto aos “valores tradicionais” (STRACANSKY, 2013, n.p.) russos.

Houve repercussão internacional depois das declarações anti-LGBT por parte do governo russo, incluindo ameaças de boicote às Olimpíadas de Inverno, que aconteceram em 2014, em Sochi (STRACANSKY, 2013).

A ideia de “queer global”, segundo as autoridades russas, se tornou um símbolo conveniente do imperialismo do Ocidente, envolvendo os valores diretamente associados à política e ao estilo de vida ocidentais. Nesse contexto, a lei de “propaganda gay” é uma resultante do conservadorismo contrário à visibilidade queer. A noção de “cosmopolitismo sexual” como uma abertura e como a vontade de conviver com a variedade de sexualidades humanas entre diferentes culturas é importante para o entendimento de transição e democracia, os quais são processos do país após a queda da União Soviética. Seu debate, no entanto, é coibido, bem como é reprimida a diversidade de expressão étnica-cultural, uma vez que pesquisas mostram que minorias étnicas também têm tido muitos problemas com as autoridades da Moscou pós-soviética por exemplo (PRATA FILHO, 2015, p.40).

A situação parece ainda mais grave quando se leva em conta que em 1990 o Ministério de Saúde Russo deixou de considerar a homossexualidade como uma doença, ao incorporar os padrões da Classificação Internacional de Doenças. Isso evidencia mais ainda o quanto o estigma vivido por grupos LGBT está impregnado na cultura da sociedade. Mesmo que haja declarações por parte da Rússia, feitas pelo próprio presidente Putin durante sua entrevista ao Canal Um da televisão russa, de que “não há políticas discriminatórias contra lésbicas gays, bissexuais e transgênero no país” (visto que essas são de caráter subjetivo, ou seja, não são explicitamente diretas contra o grupo), o Comitê sobre Direitos da Criança da ONU reconheceu como essas legislações não apenas “estigmatizam indivíduos LGBT, como também crianças LGBT e crianças advindas de famílias LGBT. (PRATA FILHO, 2015, p.41).

O argumento do governo é de que a população LGBT não se enquadra nos “valores tradicionais” russos, logo são uma degradação ou corrosivos para a sociedade.

³⁸ O nível de ignorância na sociedade russa direcionada a pessoas LGBT é muito alto e é fácil incitar ódio [contra pessoas LGBT] na sociedade e tacha-los como um inimigo. Qualquer governo totalitário precisa de um inimigo. O presidente [Vladimir] Putin está construindo uma nova ideologia - estadista, conservadora e anti-ocidental (TSYMBALOVA, 2013 *apud* STRACANSKY, 2013, n.p., tradução nossa)

Além disso, muitos dos ataques e desse posicionamento vêm da ideia de proteger crianças de tais “aberrações”. Os valores tradicionais defendidos são a união heterossexual, uma grande família, o comprometimento com a religião e obediência às autoridades. (PRATA FILHO, 2015).

Outro agravante para grupos LGBT na sociedade russa é fato de que dados acerca de violência e ataques feitos contra esse grupo não são registrados, o que precisa ser feito por outras organizações (como a *Russian LGBT Network*, por exemplo). A justificativa para isso é que como são ataques individuais, são tratados como violência civil, misturando-se com outras estatísticas. A legislação enxerga a população LGBT apenas como um grupo, um coletivo, portanto ataques individuais não se enquadram nessa categoria (PRATA FILHO, 2015).

A aversão russa à expressão de sexualidades não-convencionais e a incapacidade de discutir publicamente problemas sociais relacionados a minorias sexuais continuam a afirmar a antipatia em torno de indivíduos LGBT, uma vez que suas sexualidades divergem do dominante. O autoritarismo soviético teve grande influência na conformação política da Rússia atual, a qual rejeita conscientemente a influência ocidental para a construção da democracia, em favor de um sistema de Estado robusto. As implicações relacionadas às legislações de “propaganda gay” demonstram os problemas russos na sua transição para a democracia. A Rússia mantém uma cultura de silêncio em torno de 47 questões sexuais, exaltando ideais conservadores religiosos e uma baixa capacidade de desenvolvimento em participação social. (PRATA FILHO, 2015, p.46).

Para concluir, vemos como a sociedade russa organizou-se de forma a criar um ambiente extremamente hostil contra o diferente, o queer, àquele que se distancia de seus valores tradicionais. A administração conservadora da democracia, guiada por Putin, constrói um novo modelo de autoritarismo e nacionalismo estatal. As frequentes opressões e ataques à liberdade de expressão ferem não só cidadãos pertencentes ao grupo LGBT no país, como também as organizações que buscam ajudar na causa. Com a união do governo e da IOR, grande parte da sociedade civil se volta contra esses grupos minoritários, limitando a atuação do feminismo, da igualdade de direitos e vida plena, tanto de mulheres como para pessoas LGBT. Sobre como a legislação russa permite isso, Prata Filho (2015) traz

A legislação na Rússia possibilita tal manejo, já que pode banir qualquer organismo que ameace a independência, a integridade e a soberania nacionais. Interesses privados devem, dessa maneira, se subordinar ao interesse coletivo da nação, impedindo a organização livre da sociedade civil e reduzindo a influência de associações ocidentais internamente

Dentro desse contexto, o grupo Pussy Riot surgirá, buscando confrontar diretamente os valores tradicionais russos, em forma de apresentações musicais, e trazendo em suas letras os ideais feministas e de desconstrução, presentes na Teoria Queer, defendendo também os direitos LGBT. O grupo também critica a forma de governo do presidente Putin e sua próxima relação com a Igreja Ortodoxa Russa.

4 PUSSY RIOT, RESISTÊNCIA E TEORIA QUEER

Pussy Riot é uma banda punk e feminista que exerce sua militância nas ruas, defendendo causas gênero e direitos LGBT, questionando a dominância cultural masculina na Rússia e a conformidade da sociedade com isso, e tendo as raízes de seu pensamento na Teoria Feminista. A intenção do grupo é mobilizar e conscientizar cidadãos russos desses ideais, bem como enriquecer a oposição ao governo (JOHNSON, 2014).

A banda ganhou repercussão global após sua polêmica performance na Catedral de Cristo Salvador no início de 2012, em Moscou. Vestidas em seu uniforme característico, composto por balaclavas e roupas coloridas, cinco membros da banda realizaram uma (como chamado pelo próprio grupo) “*punk prayer*”³⁹ no altar da catedral, onde pediam para que Virgem Maria se tornasse uma feminista e ajudasse a tirar Putin do poder com a música “*Mother of God, Drive Putin Away!*”⁴⁰ (SEAL, 2013). A apresentação durou 41 segundos, e após isso as membras foram removidas da catedral por guardas. A gravação da apresentação foi postada no YouTube e em diversas outras redes sociais, rapidamente alcançando 600 mil visualizações (PROZOROV, 2013). Das cinco membras, duas fugiram da Rússia, e três seriam, em 17 de agosto de 2012, condenadas e presas por “vandalismo (*hooliganism*) motivado por ódio religioso” (SEAL, 2013, p.1), e sentenciadas a dois anos de prisão: Nadezhda Tolokonnikova (Nadia), Maria Alyokhina (Masha) e Yekaterina Samutsevich (Katya), a última tendo sido libertada mais cedo do que as outras (SEAL, 2013).

³⁹ Reza punk (tradução nossa)

⁴⁰ “Mãe de Deus, Afaste o Putin” (tradução nossa)

Figura 3– Pussy Riot em sua apresentação na Catedral de Cristal Salvador



Fonte: HUMANS Rights First, 2013

O julgamento foi marcado por diversas irregularidades, levando os advogados de defesa a declarar ser “pior do que nos tempos de Stalin” (PROZOROV, 2013, p.2), tendo grande repercussão internacional. A administração de Putin foi criticada pela forma como o caso foi conduzido por muitos ativistas de direitos humanos e políticos europeus. Artistas como Madonna e a banda Red Hot Chilli Peppers também expressaram seu apoio à causa e defesa do Pussy Riot. Além disso, o evento também trouxe muito debate político e sociocultural dentro e fora da Rússia, como a “deterioração da regra da lei na Rússia de Putin” (PROZOROV, 2013, p.2), o papel política da Igreja Ortodoxa e o contraste entre liberdade de expressão e liberdade religiosa. Outros pontos criticados também são o estilo de vida luxuoso levado pelo Patriarca Kirill, as condições das prisões russas e o sistema de justiça demasiadamente repressivo na Rússia (PROZOROV, 2013). Prozorov (2013) segue enfatizando a importância do ocorrido para a política russa

O que a princípio parecia ser meramente mais uma série de provocações políticas de artistas contemporâneos indiscutivelmente se tornou o mais importante evento político na Rússia em anos recentes, ofuscando até mesmo os enormes protestos contra a fraude de eleição, de dezembro de 2011 até maio de 2012 (PROZOROV, 2013, p.2, tradução nossa)⁴¹

⁴¹ What at first appeared to be merely one more in the series of political provocations of contemporary artists arguably turned into the most important political event in Russia in recent years, even overshadowing the massive protests against election fraud in December 2011-May 2012 (PROZOROV, 2013, p. 2)

Figura 4 - As três membras do Pussy Riot Julgadas



Da esquerda para direita: Nadezhda Tolokonnikova, Maria Alyokhina e Yekaterina Samutsevich
 Fonte: COUNTERPSYOPS

O grupo também busca unir o movimento feminista ao movimento LGBT, como pode ser visto em outra de suas músicas, “*Death to Prison, Freedom to Protest*”⁴², onde dizem “*LGBT, feminists, defend the nation!*”⁴³. Ademais, enquadram o governo de Putin como autoritário, patriarcal e opressor. Em suas entrevistas, enfatizam a profunda relação tradicional da Rússia entre gênero e revolução, salientando nomes nacionais revolucionários e femininos (SEAL, 2013). Seal (2013) ainda traz como a banda enfatiza sua importância para o progresso da sociedade russa em direção aos ideais feministas e de desconstrução

[...] que a Rússia 'precisa de uma banda feminista punk militante e de rua que rasgue praças e ruas de Moscou adentro'. A banda citou um leque de influências feministas, incluindo 'Firestone e suas louca reprodução de teorias, Millett, o pensamento nômade de Braidotti, 'Artful Parody' de Judith Butler, bem como bandas riot grrrl do início dos 1990, como Bikini Kill. Em uma carta escrita da prisão, Nadia contextualizou as ações do Pussy Riot com referência à segunda onda do feminismo com o ditado 'o pessoal é político' (FREE PUSSY RIOT!, 2012). Portanto, Pussy Riot tem destacado questões de autoritarismo político na Rússia, e trazendo ao mesmo tempo ativismo inspirado no feminismo à atenção global (SEAL, 2013, p.2, tradução nossa)⁴⁴

⁴² “Morte à prisão, liberdade ao protesto” (tradução nossa)

⁴³ “LGBT, feministas, defendam a nação!” (tradução nossa)

⁴⁴ [...] that Russia 'needs a militant, punk-feminist, street band that will rip through Moscow's streets and squares'. The band have cited a range of feminist influences, including 'Firestone and her crazy reproduction theories, Millett, Braidotti's nomadic thought, Judith Butler's Artful Parody', as well as early 1990s riot grrrl bands like Bikini Kill. In a letter from prison, Nadia contextualised Pussy Riot's actions with reference to second wave feminism's maxim 'the personal is political' (Free Pussy Riot!, 2012). Therefore, Pussy Riot

Johnson (2014) abre sua análise com a seguinte citação, dita pelo embaixador Eduard R. Malayan, do Ministério de Relações Exteriores da Federação Russa, em abril de 2012

Ah, você quer dizer aquelas três garotas, punks [...] Há um forte sentimento de que elas devem ser presas por vandalismo (JOHNSON, 2014, p.583, tradução nossa)⁴⁵

A identidade russa, idealizada pela figura de Putin e sua próxima relação com a IOR foi ameaçada após a apresentação do grupo Pussy Riot na Catedral de Cristo Salvador, como coloca Smith-Prei (2016). O caso foi baseado em “ódio religioso”, a identificação do grupo como feministas acentuou mais ainda sua posição como “estranhas”, ocidentais e “alienígenas” aos costumes locais. A recepção do grupo não foi vista ou reconhecida por seu enfoque no feminismo, mas sim em sua oposição e afronta a seu “arqui-inimigo”, Vladimir Putin e sua próxima relação com a “autoridade patriarcal da religião na Rússia” (SMITH-PREI, 2016, p.94).

O que começou com um grupo de protesto de apresentações locais em Moscou, Rússia, disparou aclamações globais por solidariedade e por uma nova atitude associada com protesto feminista. Através do aprisionamento de, particularmente, duas membros do grupo e sua subsequente libertação, sua apresentação na cidade de Nova Iorque em um concerto em suporte à Anistia Internacional, e seu protesto nas Olimpíadas Russas em Sochi em 2014, o impacto político do grupo e com o que o público associa com "Pussy Riot" também mudou (SMITH-PREI, 2016, p.108, tradução nossa)⁴⁶

O que iniciou como um protesto político e provocativo contra Putin e suas políticas na Rússia tornou-se um ícone de protesto feminista global, se juntando à campanha mundial de ativistas por direitos humanos e palcos internacionais. Do palco no altar na Catedral de Cristo Salvador (em fevereiro de 2012) ao palco com Madonna em Nova Iorque, em 2014, ou até com Judith Butler e Rosi Braidotti, em Oslo, ou na tela

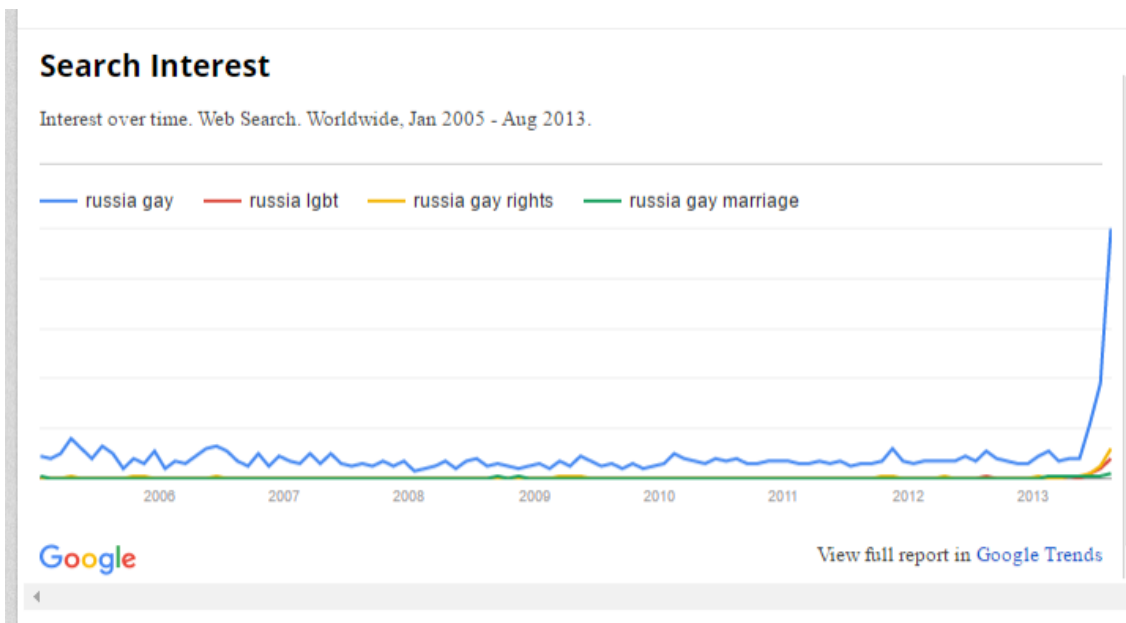
have highlighted issues of political authoritarianism in Russia, whilst also bringing feminist inspired activism to global attention (SEAL, 2013, p.2)

⁴⁵ Oh, you mean those three girls, punks [...] There is a strong feeling that they should be jailed for hooliganism. (JOHNSON, 2014, p.583)

⁴⁶ What began as a local performance protest group in Moscow, Russia, triggered global cries for solidarity and for a new attitude associated with feminist protest. Through the imprisonment of particularly two of the group's members and their subsequent release, their performance in New York City at a concert in support of Amnesty International, and their protest at the Russian Olympics in Sochi in 2014, the political impact of the group and of what the public associates with "Pussy Riot" shifted as well (SMITH-PREI, 2016, p.108)

com Kevin Spacey em *House of Cards*, em 2015, até terem seu próprio palco em 2015, durante o festival de música em Glastonbury (SMITH-PREI, 2016).

Figura 5 - Crescimento do interesse sobre temas LGBT na Rússia



Fonte: EQUALDEX

Mesmo antes da prisão do grupo, já estava claro o incomodo da administração Putin com o Pussy Riot, não apenas pela sua desobediência civil ou a escolha dos locais para suas apresentações (o próprio Kremlin já tendo sido um dos locais escolhidos). O grupo fazia parte de uma mobilização maior após o anúncio de que Vladimir Putin retornaria à presidência. Esse movimento focava mais no protesto contra o partido de “ladrões e bandidos”, e o Pussy Riot estava conectado a grupos “hereges” menores que questionavam a associação da masculinidade de Putin à força da nação russa. “Os ataques eram pessoais – e Putin tem uma ‘pele fina’ – então as reações foram severas” (JONHSON, 2014, p.583).

A figura 5 nos mostra como, após as grandes repercussões do caso do julgamento do Pussy Riot, a pesquisa acerca dos temas “Rússia gay”, “Rússia lgbt”, “direitos gays Rússia” e “casamento gay Rússia”, na plataforma de pesquisa Google, vêm aumentando significativamente, trazendo à luz a situação vivida por essas minorias dentro do país.

Figura 6 - Apresentação do Pussy Riot na Praça Vermelha



Fonte: THE New York Times

As figuras 3 e 6 buscam ilustrar uma das táticas utilizadas pelo Pussy Riot, o seu impacto visual, muito colorido e encobrir o lado feminino das membras, tão valorizado pelo governo Putin, e dar foco somente à sua voz e apresentação.

Dentro desse contexto, percebe-se a organização do Pussy Riot como um grupo feminista, com práticas que desafiam a ordem sexista e de gênero tradicionalista da Rússia. Além disso, o grupo trouxe a palavra feminismo para a consciência pública russa (JOHNSON, 2014). A autora traz um relato de Nadia durante o julgamento, que sentia que a palavra *feminismo* era recebida como uma grande ofensa para os seguidores da IOR

Feminism was also a key concept at the trial, in which group member Nadezhda Tolokonnikova repeatedly questioned the prosecution's argument that feminism was a "swear word" for Orthodox believers. "Do you know what the word feminist means?" she retorted (JOHNSON, 2014, p.584)⁴⁷

O grupo tornava-se especialmente mais ofensivo dentro de um regime que recompensava mulheres por sua lealdade e aparência. Ao utilizar palavras obscenas em uma igreja, elas estavam automaticamente enquadradas como "más garotas" (JOHNSON, 2014, p.588). Ao criticar a proximidade e aliança do governo com a igreja, e pedir pela

⁴⁷ Feminismo também foi um conceito chave no julgamento, no qual a membro do grupo Nadezhda Tolokonnikova repetidamente questionou o argumento da acusação de que feminismo era um "xingamento" para cristãos ortodoxos. "Vocês sabem o que a palavra feminismo significa?" ela repetiu (JOHNSON, 2014, p.585, tradução nossa)

remoção de Putin, elas eram desleais. Seu uniforme escondia sua beleza e juventude, provocando ainda mais os ideais de feminino reforçados pelos ideais tradicionalistas da Rússia (JOHNSON, 2014).

Dado o contexto que valoriza a masculinidade, reprime feministas e o modo como mulheres são incorporadas no sistema, um grupo capaz de fazer frente aos ideais convencionais é tanto “uma crítica como um estabelecimento político e uma afirmação feminista” (JOHNSON, 2014, p.588). Em sua declaração durante o julgamento, Nadia traz

As apresentações do Pussy Riot podem ser chamadas ou de dissidente, ou ação política que engaja formas de arte. De qualquer maneira, nossas apresentações são uma forma de atividade cívica em meio as repressões de um sistema político corporativo que direciona seu poder contra direitos humanos básicos e liberdades civis e políticas (PUSSY RIOT, 2013, n.p. Tradução nossa)⁴⁸

As ações do Pussy Riot dificultaram a ação de outras organizações feministas no cenário russo, mas sua forma carnavalesca de trazer o assunto à pauta pode ter benefícios no longo termo, ajudando a combater formas mais violentas de misoginia. O grupo mostrou a força que as políticas informais como forma de protesto podem ter (JOHNSON, 2014).

Por causa da repercussão global dos vídeos gravados pelo Pussy Riot, pelas características únicas do movimento, incluindo seu visual, e as mensagens políticas integradas nas apresentações, o grupo é visto como a “apresentação artística de maior sucesso na história” (SMITH-PREI, 2016, n.p.). Esse sucesso é definido pela capacidade do grupo em instigar, em escala global, outras pessoas a juntarem-se ao protesto. Um problema decorrente disso é: como aplicar uma mensagem que era, inicialmente, voltada para o que elas viam como um governo patriarcal, opressor, apoiado pela IOR, à outras nacionalidades? (SMITH-PREI, 2016).

Em contraste, em uma conversa com Braidotti e Butler numa conferência em Oslo sobre o feminismo russo e a forma como gênero era conduzida durante a União Soviética, Masha traz o debate para a atualidade e coloca como é preciso que toda geração desenvolva o seu próprio feminismo, baseado em seu próprio contexto. O debate segue ressaltando como a Rússia é um país que ainda tem muito o que melhorar em quesitos de

⁴⁸ Pussy Riot’s performances can either be called dissident art, or political action that engages art forms. Either way, our performances are a kind of civic activity amidst the repressions of a corporate political system that directs its power against basic human rights and civil and political liberties. (PUSSY RIOT, 2013, n.p.)

feminismo. Além disso, o grupo trouxe à tona diversos problemas presentes na sociedade russa e desafiou fortes instituições do país, como a mídia, lei e a igreja. (SMITH-PREI, 2016).

Pode argumentar-se que o objetivo do Pussy Riot era justamente, através do uso de plataformas digitais e da disseminação de seu vídeo, *A Punk Prayer*, disponível no YouTube, atrair a atenção global para uma questão nacional, ao invés de criar um amplo movimento nacional. A resposta foi especialmente entusiástica por parte do ocidente, que enxergou nas figuras das jovens rebeldes uma forma de incorporar seu discurso dicotomizado de progresso (ocidente) contra o retrógrado (oriente), que, por conseguinte alimentou a reação da população e autoridades russas que viram isso como uma manifestação do imperialismo ocidental dentro de seu território (SMITH-PREI, 2016). A autora segue exemplificando como a situação com o grupo pôde ser usada como um instrumento para manipular a imagem representativa da Rússia

Quando, em resposta ao vídeo "Punk Prayer", Putin primeiramente aprisionou e então - em uma campanha publicitária que retratava Rússia como respeitosa aos direitos humanos antes das olimpíadas de inverno de 2014 - perdoou as membras do grupo, pode se suspeitar que, apesar de todo o protesto político que elas iniciaram, Pussy Riot foram e se tornaram (pelo menos por um momento) um instrumento russo para manipulação de poder de representações. Depois da libertação, no entanto, as apresentações de arte e música do Pussy Riot voltaram-se para violações mais gerais de direitos humanos (SMITH-PREI, 2016, p.111, tradução nossa) ⁴⁹

Por outro lado, a autora também traz como os discursos ocidentais utilizam o governo tradicionalista de Putin para projetar mais dicotomia, colocando o oriente como um palco alvo, que personifica o outro, o racista, sexista, onde a misoginia, discriminação contra homossexuais e neonazismo ocorrem sem restrições (SMITH-PREI, 2016).

Hoje, as balaclavas coloridas são um símbolo de protesto feminista. Ao vestilas, uma pessoa mostra-se não apenas solidária com o movimento, mas pode, também, se sentir parte dele (SMITH-PREI, 2016). Prozorov (2013) coloca que o significado de todo o julgamento do grupo continua ilusório. Tanto para detratores quanto para apoiadores, há a interpretação majoritária de que a *punk prayer* representa uma paródia ou pirraça que

⁴⁹ When, as a response to the "Punk Prayer" performance, Putin first jailed and then – in a publicity campaign that portrays Russia as respecting human rights prior to the 2014 Winter Olympics – pardoned the members of the group, it might be suspected that, in spite of all the political protest they triggered, Pussy Riot were and became (at least for a moment) a Russian instrument for manipulating the power of representations. After their release, however, Pussy Riot's art and music performances shifted towards activism against prison conditions and prisoner abuse, and against more general human rights violations (SMITH-PREI, 2016, p.111).

almejava a IOR, entrando para o histórico conflito entre religião e arte. Assim, a provocação pode ser vista como ofensiva para crentes religiosos ou defendida como um direito constitucional. Mas o que se perde nessa interpretação, entretanto, é a força política da apresentação, que explica também a incomum e cruel perseguição ao Pussy Riot. A apresentação do caso em termos de blasfêmia e censura, onde o que está em jogo é a liberdade de qualquer tipo de expressão, indiscutivelmente silencia a importância de um tipo específico de expressão, praticado pelo Pussy Riot (PROZOROV, 2013).

Assim, o Pussy Riot ergue-se como barreira e resistência direta à Igreja Ortodoxa Russa, ao presidente Putin e a identidade tradicional e patriarcal russa, formada pela união dos valores nutridos por esse governo e religião. Sua forma de protesto e reivindicações a favor do respeito à igualdade de gêneros e de diversas formas de amor abrange as premissas da Teoria Queer de desconstruir a binarização e o essencialismo de gênero.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Haja vista a definição e a abrangência da Teoria Queer, pode-se observar como Pussy Riot representa conceitos abarcados por ela. A construção de papéis de gênero socialmente pré-estabelecidos, a contraposição entre tudo que é queer ao normal, a tentativa de binarização da sociedade e a marginalização de grupos tidos com subordinados, é questionada pelo Pussy Riot.

Em paralelo, a sociedade russa, fortemente influenciada pelos preceitos e costumes da IOR, é construída com base na representação da força de um poder central patriarcal, reforça as normas de gênero, a binarização e contraposição do normal e o queer, bem como as noções de gênero e identidade.

A sociedade russa, que encontra em Vladimir Putin uma espécie de representação de seus valores e construção social, muito mais do que uma simples presença manipuladora, é uma representação bastante fiel do que a Teoria Queer questiona. O grupo Pussy Riot não apenas questiona a binarização e a marginalização do Queer, mas o faz no cerne de uma das sociedades modernas mais conservadoras e patriarcais e, justamente por isso, pode-se concluir que a atuação de Pussy Riot é emblemática e torna-se um dos exemplos mais vivos daquilo que a Teoria propõe.

O debate sobre o queer, o diferente e o marginalizado é pertinente não somente à sociedade russa, como o presente trabalho buscou salientar, mas à diversas – se não todas – sociedades ao redor do globo. Os ideais de como um indivíduo deve se portar em relação ao seu gênero e identidade são jogadas sobre ele desde o nascimento, e estão quase sempre relacionadas ao vínculo dos costumes e cultura com a religião. Há pouco espaço para o autodescobrimento da identidade própria, e muitas pessoas nem sequer percebem que não são obrigadas a seguir normas sobre como devem ser ou agir.

A Teoria Queer, apesar de recente, tem tido seu uso cada vez mais expandido nas mais diversas áreas de conhecimento. Sua contestação da organização binária de indivíduos em sociedade, a demonstração de como a sexualidade e identidades de gênero são socialmente construídas através de ações do cotidiano heteronormativo tem sido transportada para diversas outras formas de aplicação. Viu-se que a noção que temos hoje de identidade e sexualidade já foi muito diferente em outras épocas. Assim, identidade de gênero e sexualidade são executadas de dentro para fora, de acordo com o que indivíduo se sente confortável e se identifica, ao invés de ser algo pré-definido no nascimento ou imposto externamente, apesar de esse ser o caminho mais comum de se inscrever

identidades em pessoas hoje em dia. Além disso, vemos no próprio do medo de sociedades heteronormativas em conviver com pessoas LGBT como a sexualidade e a identidade não são essenciais ao indivíduo e seu gênero biológico, já que o medo do diferente evidencia a possibilidade de mudança, desconstruindo o essencialismo. O problema é reconhecer aonde traçar a linha que limita o que é aceitável e o que é “perverso”, como no caso da pedofilia. Pela amplitude de abrangência do termo “queer”, a Teoria enrola-se em si mesma ao permitir interpretações mais pesadas.

O conceito de construções binárias pode ser levado à análise de identidades em Relações Internacionais, como na dicotomia do ocidente e oriente representando o contraste entre o desenvolvido e o bárbaro, inferior. A abordagem pós-colonialista do tema também mostra outras divisões no cenário internacional, como a divisão entre países colonizadores e os colonizados, esses tendo como consequência uma perda de identidade nacional, que, por conseguinte trazem diferenças a movimentos como o feminismo, que se divide e conflita dentro de si, com separações de mulheres ocidentais e orientais. A questão de interseccionalidade também é importante para entender que diferentes indivíduos ao redor do mundo sofrem diversas formas de preconceito e discriminação por suas diferenças. Refugiados, por exemplo, podem sofrer essa estigmatização de forma mais latente dependendo da sociedade que os receberá. O incentivo ao respeito às diferenças, o entendimento de que o nosso mundo é composto por pessoas dos mais variados tipos e costumes é consequência de um entendimento de que as normas acerca de identidades de gênero e papéis do indivíduo na sociedade, por exemplo, são construções sociais, e, portanto, podem ser alteradas. Além disso, viu-se como o capitalismo reforçou as noções patriarcais presentes na família tradicional contemporânea, onde a mulher é vista como propriedade do homem, detentor de racionalidade e do sustento da família. Para reforçar esses papéis tradicionais ainda há uma hierarquização do masculino através da instituição militar, onde o homem máximo é aquele idealizado por essa, o forte, dominante, competitivo e racional.

Tendo construído o cenário russo como fortemente influenciado sobre a dominância da Igreja Ortodoxa Russa, seus valores patriarcais (literalmente reforçados pela organização da religião, que coloca o homem como dominante) projetados para dentro do cenário familiar, além da fase durante a União Soviética que tinha como base de organização societal a separação das funções do homem e da mulher para o progresso e funcionamento do regime, tudo isso sob a liderança do presidente Putin e seu perfil construído no viril, no forte e no masculino capaz de trazer progresso à Rússia e

fortemente aliado aos valores religiosos do país, criam um cenário extremamente hostil para o queer, o diferente. A violência enfrentada por mulheres e pessoas LGBT no país é diária e, não obstante, movimentos feministas e LGBT são oprimidos pelo governo e pela sociedade por serem vistos como uma forma de imperialismo do ocidente sobre a Rússia. Assim, esses grupos acabam sendo associados como inimigos do regime de Putin.

Dentro desse contexto, o grupo Pussy Riot surge como uma afronta direta às três figuras mais respeitadas na Rússia: A Igreja Ortodoxa Russa, o presidente Putin e a identidade tradicional e patriarcal incorporadas e construídas pelos dois. A consequência disso, para as três membras julgadas, foi um julgamento que se tornava mais severo conforme maior era a contestação dos valores tradicionais russos, do ataque aos valores da IOR e à figura de Putin. Além disso, o Pussy Riot se recusa a se conformar com os valores da mulher ideal russa. Ao se portarem sem classe e com rebeldia, cobrirem seus rostos e corpos e desafiarem o governo de Putin, elas desconstruem o essencialismo do gênero feminino para a sociedade russa. Com seus protestos, Pussy Riot trouxe não apenas ao nível nacional o conceito de feminismo e suas reivindicações, mas também ao internacional. O debate sobre gênero e identidades na Rússia e o sofrimento vivido pelas mulheres e pessoas LGBT no país e tiveram o apoio da Anistia Internacional, ONU e diversos artistas para a sua causa em prol dos direitos humanos. O julgamento e a forma como ele foi conduzido mostram exatamente a forma como o queer é tratado segundo a Teoria Queer. É marginalizado, discriminado e silenciado por suas diferenças e não enquadramento no convencional. Assim, conclui-se que há, sim, uma relação explicativa entre Pussy Riot e a Teoria Queer, visto que o grupo questiona, na sociedade onde está enquadrado, os valores de identidade, papel de identidade e gênero que foram construídos ao longo dos anos, e que, ao contestá-los, o grupo é extremamente hostilizado e silenciado, com pouco respeito à liberdade de expressão, porque quando o que se expressa é o diferente, não há tolerância.

Esse estudo é apenas um recorte de uma das tantas sociedades que compõem o nosso mundo. Sugere-se que em trabalhos futuros, novos pontos de vista sejam abordados, como a temática dos direitos humanos e das políticas anti-LGBT em países africanos e no oriente médio e como tais políticas são tratadas pelo ocidente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMNESTY INTERNATIONAL. **About LGBT Human Rights**. 2017. Disponível em: <<https://www.amnestyusa.org/our-work/issues/lgbt-rights/about-lgbt-human-rights>>. Acesso em: 22 fev. 2017.

ASHWIN, Sarah. **Gender, State, and Society in Soviet and Post-Soviet Russia**. London: Routledge, 2000. 187p.

BUTLER, Judith. **Bodies That Matter: On the Discursive Limits of "Sex"**. New York: Routledge, 1993.

BUTLER, Judith. **Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity**. New York: Routledge, 1990.

CARTA, Gianni. **Putin, o czar homofóbico**. 2014. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/revista/784/putin-o-czar-homofobico-4625.html>>. Acesso em: 24 fev. 2017.

CARTER, Julian. On Mother-Love: History, Queer Theory, and Non-Lesbian Identity. **Journal of the History of Sexuality**, v. 14, n. 1/2, Special Issue: Studying the History of Sexuality: Theory, Methods, Praxis, p. 107-138, 2005.

CARVER, Terrell. The World Turned Inside Out. **International Feminist Journal Of Politics**, London, v. 1, n. 23, p.88-93, 24 dez. 2012. Disponível em: <<http://www.tandfonline.com/doi/citedby/10.1080/14616742.2012.742761?scroll=top&needAccess=true>>. Acesso em: 23 fev. 2017.

CHACRA, Gustavo. **Veja como o Cristianismo Ortodoxo explica a aliança Putin-Assad**. 2016. Disponível em: <<http://internacional.estadao.com.br/blogs/gustavo-chacra/veja-como-o-cristianismo-ortodoxo-explica-a-alianca-putin-assad/>>. Acesso em: 25 fev. 2017.

CONNEL, R. W.; MESSERSCHMIDT, J. W. **A Hegemonic Masculinity: Rethinking the Concept**. **GENDER & SOCIETY**, v. 19 n. 6, p. 829-859, 2005.

DEARDEN, Lizzi. **Boris Nemtsov 'I'm afraid Putin will kill me,' politician said weeks before being shot dead**. 2015. Disponível em: <<http://www.independent.co.uk/news/world/europe/boris-nemtsov-im-afraid-putin-will-kill-me-politician-said-weeks-before-being-shot-dead-10077000.html>>. Acesso em: 26 fev. 2014.

DOURADO, Maria E. B. F. **A Rússia de Vladimir Putin: um novo autoritarismo**. 2004. Disponível em: <<http://www.faculdedamas.edu.br/externos/posts/files/DOURADO%20GT%2004.pdf>>. Acesso em 26 fev. 2017.

EQUALDEX (Los Angeles, EUA). **LGBT rights in Russia**. 2017. Disponível em: <<http://www.equaldex.com/region/russia>>. Acesso em: 25 fev. 2017.

ESKRIDGE, Jr., William N. **Gaylaw: Challenging the Apartheid of the Closet**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1999.

FAUSTO-STERLING, Anne. **Sexing the Body: Gender Politics and the Construction of Sexuality**. New York: Basic Books, 2000.

FEDOROVA, T.; SAVITSKAYA, T.; YAKOVLEVA, A. **Gender Equality and Culture (Russian Federation)**. Informkultura, Russian State Library, 2013. Disponível em:

<http://www.unesco.org/new/fileadmin/MULTIMEDIA/HQ/CLT/images/Informkultura_Russian_State_Library_Gender_Equality_and_.pdf>. Acesso em 23 fev. 2017.

FOUCAULT, Michel. **The History of Sexuality (Volume Three: The Care of the Self)**. New York: Pantheon, 1986.

FOUCAULT, Michel. **The History of Sexuality (Volume Two: The Use of Pleasure)**. New York: Pantheon Books, 1985.

FOUCAULT, Michel. **The History of Sexuality. Volume One: An Introduction**, Robert Hurley (trad.), New York: Vintage Books, 1980.

GIELOW, Igor. **Na Rússia, ortodoxos são acusados de servir aos interesses do governo Putin**. 2016. Disponível em:

<<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2016/12/1844790-na-russia-ortodoxos-sao-acusados-de-servir-aos-interesses-do-governo-putin.shtml>>. Acesso em: 22 fev. 2017.

GOLDSTEIN, Joshua. **War and Gender: How Gender Shapes the War System and Vice Versa**. Cambridge, Cambridge University Press, 2003. Disponível em:

<<http://catdir.loc.gov/catdir/samples/cam031/2001277554.pdf>>. Acesso em 21 fev. 2017.

GOVERNO da Rússia é novamente acusado de envenenar opositor. 2017. Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2017/02/governo-da-russia-e-novamente-acusado-de-envenenar-opositor.html>>. Acesso em: 20 fev. 2017.

HALPERIN, David M. **One Hundred Years of Homosexuality: and other essays on Greek love**. New York: Routledge, 1990.

HEALEY, Daniel. **Russia**. 2015. Encyclopedia Copyright © 2015, glbtq, Inc..

Disponível em: <http://www.glbtqarchive.com/ssh/russia_S.pdf>. Acesso em: 06 fev. 2017.

HEKMA, G.; OOSTERHUIS, H. **Gay Men and the Sexual History of the Political Left**. Psychology Press, v. 29, n. 2, 1995. 408p.

HUMAN RIGHTS WATCH (Estados Unidos). **License to harm: Violence and Harassment against LGBT People and Activists in Russia**. 2015. Disponível em: <<https://www.hrw.org/report/2014/12/15/license-harm/violence-and-harassment-against-lgbt-people-and-activists-russia#page>>. Acesso em: 26 fev. 2014.

IMMIGRATION AND REFUGEE BOARD OF CANADA. **Russia: Situation and treatment of homosexuals; legislation, state protection and support services Research Directorate.** Canada, 2009. Disponível em: <<https://www.justice.gov/sites/default/files/eoir/legacy/2013/11/07/RUS103141.E.pdf>>. Acesso em 25 fev. 2017.

JAGOSE, Annamarie. “**Feminism's Queer Theory,**” *Feminism and Psychology*, p. 157–174, New York: New York University Press 2009.

JAGOSE, Annamarie. **Queer Theory: An Introduction.** New York: New York University Press, 1996.

JOHNSON, Janet Elise. **Pussy Riot as a feminist project: Russia's gendered informal politics.** *Nationalities Papers*, v. 42, p. 583-590, 2014.

KIZENKO, Nadieszda. **Feminized Patriarchy?: Orthodoxy and Gender in Post-Soviet Russia.** Chicago: University Of Chicago Press, 2013. *SIGNS*. Vol. 38, No. 3 (Spring 2013), pp. 595-621. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/10.1086/668516?seq=1#page_scan_tab_contents>. Acesso em: 26 fev. 2017.

LAPINA, Veronika. **Is there a Propaganda of Homosexuality? Re-emergence of the Russian LGBT Movement in the Context of Political Heterosexism and Homophobia.** Budapest: Central European University, 2013. 125p.

MAIEROVITCH, Wálter. **O caso Litvinenko revela a Rússia.** 2016. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/revista/887/o-caso-litvinenko-revela-a-russia>>. Acesso em: 26 fev. 2017.

MILHAZES, José. **A Russia na era Putin.** 2001. Disponível em: <<https://www.publico.pt/destaque/jornal/a-russia-na-era-putin-155995>>. Acesso em: 25 fev. 2017.

MOHANTY, Chandra T. Under Western Eyes: Feminist Scholarship and Colonial Discourses. v. 12, n. 3, **On Humanism and the University I: The Discourse of Humanism**, p. 333-358, 1984.

MURAVYEVA, M.; NONIKOVA, N. **Women's History in Russia: (Re)Establishing the Field.** Cambridge Scholars Publishing, 2014. 258p.

NASCIMENTO, Paulo César. A Via Democrática Ao Autoritarismo. **Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas**, v. 7, n. 1, 2013. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/repam/article/view/9592/7077>>. Acesso em 26 fev. 2017.

PAPKOVA, Irina. **The Orthodox Church and Russian Politics.** New York: Oxford University Press, 2011

PICKETT, Brent. **Homosexuality**. The Stanford Encyclopedia of Philosophy, 2015. Disponível em: <<https://plato.stanford.edu/archives/fall2015/entries/homosexuality/>>. Acesso em fev. 18 2017.

POMERANZ, Lenina (2005), “Questões em Discussão sobre a Rússia de Putin”. Boletim de Economia Política Internacional: **Análise Estratégica**, Nº 7, Outubro/Dezembro (http://www.eco.unicamp.br/assets/scripts/boletim_ceri/boletim/boletim7/05_Lenina.pdf; última visita: 01/07/2011).

PRATA FILHO, Ricardo. **Redes transnacionais de combate à homofobia: uma comparação entre o caso da Rússia e a lei de “propaganda gay” e o caso da Califórnia e a emenda constitucional Proposition 8**. Universidade de Brasília, 2015. Disponível em: <http://bdm.unb.br/bitstream/10483/13057/1/2015_RicardoPrataFilho.pdf>. Acesso em 25 fev. 2017.

PRINCÍPIOS DE YOGYAKARTA. **Princípios Sobre A Aplicação da Legislação Internacional de Direitos Humanos em Relação à Orientação Sexual e Identidade de Gênero**. Yogyakarta, Indonésia, 2006. Disponível em: <<http://www.yogyakartaprinciples.org/>>. Acesso em: 24 fev. 2017.

PROZOROV, Sergei. **Pussy Riot and the Politics of Profanation: Parody, Performativity, Veridiction**. Political Studies Journal, v. 62, n. 4, p. 766-783, 2014. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/1467-9248.12047/abstract>>. Acesso em 26 fev. 2017.

PUSSY Riot - Punk Prayer. Música: Virgin Mary, Put Putin Away. Moscow: Freedom Requires Wings, 2012. (2 min.), Digital, son., color. Legendado. Legendas em inglês. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=IPDkJbTQRCY>>. Acesso em: 21 fev. 2017.

PUSSY Riot – The Secret History. 2012. Disponível em: <<https://counterpsyops.com/tag/pussy-riots/>>. Acesso em: 26 fev. 2017.

PUTIN sanciona lei que o permite escolher governadores na Rússia. 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/04/putin-sanciona-lei-que-o-permite-escolher-governadores-na-russia.html>>. Acesso em: 25 fev. 2017.

RÚSSIA aprova lei de descriminalização da violência doméstica. 2017. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/mundo/russia-aprova-lei-de-descriminalizacao-da-violencia-domestica/>>. Acesso em: 25 fev. 2017.

RYZIK, Melena. **Pussy Riot Takes Manhattan, Quietly**. The New York Times, 08 junho, 2013.

SCHAAF, Matthew. **Advocating for Equality: A Brief History of LGBT Rights in Russia**. Harriman Magazine, 2014. Disponível em: <http://www.columbia.edu/cu/creative/epub/harriman/2014/winter/advocating_for_equality.pdf>. Acesso em 24 fev. 2017.

SEAL, Lizzie. **Pussy Riot and Feminist Cultural Criminology: A New 'Femininity in Dissent'?**. University of Sussex, 2013. Disponível em: <<http://sro.sussex.ac.uk/47314/>>. Acesso em 26 fev. 2017.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. **Epistemology of the Closet**. Berkeley: University of California Press, 1990.

SINDELAR, Daisy. **From The U.S. To Russia, 2013 Was The Year .LGBT Rights Went Global**. Federal Information & News Dispatch, Inc. Lanham, 2014

SMITH-PREI, C.; STEHLE, M. **Awkward Politics: Technologies of Popfeminism Activism**. McGill-Queens University Press, 2016. 242p.

SPARGO, Tamsin. **Foucault and Queer Theory**. Totem Books, 2000. 81p.

STEANS, Jill. **Gender and International Relations**. Polity Press, 2013. 295p.

STELLA, Francesca. Queer Space, Pride, and Shame in Moscow. **Slavic Review**, v. 72, n. 3, 2013.

STRACANSKY, Pavol. **LGBT Rights: Homosexuals Cornered in Russia, 2013, Global**. Disponível em: <<http://www.ipsnews.net/2013/09/homosexuals-cornered-in-russia/>>. Acesso em 24 fev. 2017.

THE COUNCIL FOR GLOBAL EQUALITY. **The Facts on LGBT Rights in Russia**. Disponível em: <<http://www.globalequality.org/newsroom/latest-news/1-in-the-news/186-the-facts-on-lgbt-rights-in-russia>>. Acesso em 24 fev. 2017.

THE RUSSIAN LGBT NETWORK. **The situation of lesbian, gay, bisexual and transgender people in the russian federation (last three months 2011 – first half 2012)**. 2012. Disponível em: <<http://www.civilrightsdefenders.org/files/Russian-Federation-LGBT-situation.pdf>>. Acesso em 23 fev. 2017.

UNDERWOOD, Alice E. M. The Politics of Pride: The LGBT Movement and PostSoviet Democracy. **Harvard International Review**, v. 33, n. 1, 2011. Information Network. New York, 2013

VLADIMIR Putin: An ordinary family. An ordinary family. Disponível em: <<http://en.putin.kremlin.ru/bio>>. Acesso em: 20 fev. 2017.

VLADIMIR Putin:: Russia's action man president. Russia's action man president. 2015. Disponível em: <<http://www.bbc.com/news/world-europe-15047823>>. Acesso em: 24 fev. 2017.

VORONINA, Olga. Soviet Patriarchy: Past and Present. **Hypatia**, v. 8, n. 4, 2008.

WILSON, James Q. "Against Homosexual Marriage". **Commentary**, v. 101, n.3, p. 34-39, 1996.

WOLF, Sherry. **Sexuality and Socialism: History, Politics, and Theory of LGBT Liberation**. Haymarket Books, 2009. 333p.

Disponível em: <<http://www.civilrights.org/archives/2009/06/449-stonewall.html>>.
Acesso em 17 fev. 2017.